

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

MATEUS OLIVEIRA SILVA

**DISCURSOS RADIOFÔNICOS SOBRE OS ÍDOLOS DO FUTEBOL: UM GESTO DE
OLHAR PARA A NARRAÇÃO DA FINAL DA COPA DO MUNDO DE 1970**

UBERLÂNDIA - MG

2021

MATEUS OLIVEIRA SILVA

**DISCURSOS RADIOFÔNICOS SOBRE OS ÍDOLOS DO FUTEBOL: UM GESTO DE
OLHAR PARA A NARRAÇÃO DA FINAL DA COPA DO MUNDO DE 1970**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Uberlândia como requisito
parcial para a obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Vinícius Durval Dorne

UBERLÂNDIA - MG

2021

MATEUS OLIVEIRA SILVA

**DISCURSOS RADIOFÔNICOS SOBRE OS ÍDOLOS DO FUTEBOL: UM GESTO DE
OLHAR PARA A NARRAÇÃO DA FINAL DA COPA DO MUNDO DE 1970**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Uberlândia como requisito
parcial para a obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Uberlândia, 29 de outubro de 2021

BANCA EXAMINADORA

Vinícius Durval Dorne – Doutor (FACED/UFU)

Marcelo Marques Araújo – Doutor (FACED/UFU)

Bruno Franceschini – Doutor (PPGEL/UFU)

EPÍGRAFE

O rádio se parece com o teatro. Naquele momento a emoção criada pelo ator é recebida e absorvida pela plateia e dali para a frente torna-se uma lembrança que emociona de novo, mas nunca mais da mesma maneira.

EDILEUZA SOARES

AGRADECIMENTOS

Lembro-me perfeitamente dos dias de quarta-feira e domingo. Nostálgico. O pai santista ligava o rádio para acompanhar seu clube do coração. Seu filho, curioso, também se juntava para fazer parte daquele momento que era muito mais que somente uma partida de futebol. O filho cresceu e hoje este mesmo filho vem agradecer primeiramente seu pai, Moacir José da Silva, homem sábio, de fé, humilde e, claro, que compartilha com seu filho o amor pelo Santos FC.

Em especial, agradeço também à minha querida mãe, Francisca Vânia de Oliveira Silva, mulher que é o maior exemplo de vida para mim. Professora que me ensinou as primeiras palavras. Impossível conter o choro para descrever a mulher que mais me faz sorrir. Mulher de luta, de oração, de apoio. Mulher que me ensinou o valor da educação e do respeito. Meu porto seguro. Meu alicerce. Em todos os momentos ela esteve. Com ela compartilho o amor, a vibração, a euforia, o gosto pela vida.

Também agradeço aos meus irmãos, Thiago José de Oliveira Silva e Isabela Maria de Oliveira Silva. Com meu irmão, compartilho o amor pelo futebol, laço este que sempre nos uniu. Com minha irmã, compartilho as risadas, as conversas no fim de tarde.

Moacir, Vânia, Thiago e Isabela. Se hoje aqui escrevo, devo a eles.

Quero também mencionar minha querida Tia Laura, mulher que hoje se encontra nos braços do Pai e intercede por mim junto a Ele. Mulher que me ensinou que as maiores riquezas da vida estão naquelas que o dinheiro não pode comprar. Com ela compartilho a mansidão, o afeto e a certeza de que há esperança de um mundo melhor.

Um singelo agradecimento aos meus avós maternos e paternos. Em nome deles, gostaria de citar meu avô materno Raimundo Franco Sobrinho. Homem do campo, de mãos calejadas, embora analfabeto, ensina a escrever minha história com persistência. Homem que ontem segurou a pesada enxada para que hoje eu pudesse segurar apenas a caneta e o papel. Seu esforço valeu a pena!

Em um segundo momento, quero agradecer a Deus pelo dom da vida e por estar comigo sempre. Agradeço a Jesus e Maria que sempre me guiaram nesta jornada e por me abençoar com graça e sabedoria.

Gostaria de agradecer a todos os meus professores da minha vida escolar. Aos professores do São José, José Paranaíba e da COESA-SV. Um agradecimento especial aos meus eternos 11 amigos que compartilharam comigo o Ensino Médio na COESA-SV. Guardo vocês no fundo do meu coração.

Agradeço também a todos os meus amigos e colegas da nona turma de Jornalismo-UFU que compartilharam comigo as risadas, as provas, os trabalhos, os momentos de tensão, medo e também de alegria. A cada integrante da família UFU, da cozinheira ao reitor, minha eterna gratidão. Agradeço a todos os professores do Jornalismo-UFU que me ajudaram a construir essa morada. Um agradecimento especial ao meu professor orientador Dr. Vinícius Durval Dorne que soube me orientar com a maestria que lhe é peculiar.

Agradeço aos meus amigos da Humanas UFU, atlética que dediquei quatro anos, competindo, jogando, defendendo o roxo e preto com muito amor e dedicação. Foram tantos treinos, vitórias, derrotas.

Por fim, quero deixar registrado que hoje não realizo somente o meu sonho, mas sim o sonho de muitos que estiveram comigo e trouxeram leveza nesta jornada! A você que compartilhou e partilhou comigo esse sonho, meu singelo obrigado! Finalizo aqui com minha palavra preferida: GRATIDÃO!

SILVA, M. O. **Discursos radiofônicos sobre os ídolos do futebol**: um gesto de olhar para a narração da final da Copa do Mundo de 1970. 2021. 63 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

RESUMO

Este trabalho dedica-se a compreender como a transmissão futebolística no rádio, da emissora *Rádio Nacional*, constrói discursivamente os ídolos nacionais do referido esporte, focando nos atletas da Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1970 (Pelé, Gérson, Jairzinho e Rivellino). A metodologia utilizada se desenvolveu em uma análise discursiva, em decorrência a Michel Foucault, a fim de observar as regularidades discursivas presentes na narração escolhida como objeto. O resultado obtido se estabelece em um olhar aprofundado sobre as técnicas discursivas na narração que possibilita concluir que os ídolos futebolísticos são produtos de um mecanismo comunicativo que une presente, passado e outros discursos já verbalizados. As considerações finais da pesquisa demonstram que a narração da emissora *Rádio Nacional* criou um cenário que possibilitou a criação de ídolos do futebol brasileiro em tal época e que isto perdura até a atualidade por conta das produções de sentido que permeiam a comunicação futebolística.

Palavras-chave: Discurso, Transmissão Futebolística, Rádio, Ídolos, Futebol Brasileiro

SILVA, M. O. **Radio speeches on football idols**: a gesture of looking at narration of the 1970 World Cup final. 2021. 63 p. Course Conclusion Paper (Graduate in Journalism) - Federal University of Uberlândia, Uberlândia, 2021.

ABSTRACT

The focus of this work is on understanding how football broadcasting on the radio, by Rádio Nacional, discursively builds the national idols of the said sport, focusing on the athletes of the Brazilian National Team of the 1970 World Cup (Pelé, Gérson, Jairzinho, and Rivellino). The methodology used was developed in a discursive analysis, by basing itself on Michel Foucault, to observe the discursive regularities present in the chosen narration as an object. The obtained result is established in an in-depth observation about the discursive techniques in the narration which makes it possible to conclude that football idols are products of a communicative mechanism that puts the present, the past, and other discourses already verbalized, all together. The final remarks of the research demonstrate that the narration of Rádio Nacional created a scenario that made possible the creation of Brazilian football idols at that time and this persists until today, due to the productions of meaning that traverse football communication.

Keywords: Speech, Soccer Broadcast, Radio, Idols, Brazilian Soccer

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. RÁDIO E FUTEBOL: UM ELO QUE CONQUISTOU MILHÕES.....	13
2.1 Rádio e Futebol.....	13
2.2 Narração futebolística radiofônica.....	17
2.3 Transmissão futebolística no rádio após o surgimento da TV.....	19
3. DISCURSO, SUJEITO E PODER.....	22
4. DISCURSO MIDIÁTICO E OS ÍDOLOS DO FUTEBOL BRASILEIRO.	31
4.1 Discurso e Mídia	31
4.1.1 Discurso, mídia e futebol.....	35
4.1.2 Copa do Mundo de 1970 e os ídolos futebolísticos da época.....	39
5. A CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO METODOLÓGICO.....	41
5.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS REGULARIDADES DISCURSIVAS NA NARRAÇÃO	43
5.1.1 Nomeação valorativa dos jogadores	43
5.1.2 Narrativa das jogadas de destaque.....	46
5.1.3 Avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói.....	49
5.1.4 Comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica a de torcedor.....	51
5.1.5 Sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio	54
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58

1. INTRODUÇÃO

O tema desta monografia se desenvolve propriamente na construção discursiva dos ídolos nacionais do futebol brasileiro em transmissões futebolísticas no rádio, trazendo um enfoque maior na transmissão da final da Copa do Mundo de 1970, disputada entre Brasil e Itália.

Com a chegada oficial da rádio ao Brasil em 1922 e com a primeira instalação radiofônica no ano seguinte, as grades de programações dessas estações foram se desenvolvendo em músicas, entretenimento, de modo a fortalecê-lo como meio de comunicação no país (ABREU, 2001). Antes considerado um esporte elitizado, o futebol se transformou em um evento popular, e as transmissões futebolísticas tiveram papel primordial na construção de grandes ídolos para o público que acompanhava o esporte.

De acordo com Guerra (2006), a primeira transmissão por rádio de um jogo de futebol no Brasil foi no dia 19 de julho de 1931, pela Rádio Educadora Paulista. Naquela época, as transmissões futebolísticas se resumiam a boletins informativos para os ouvintes. Com o desenvolvimento das transmissões ao passar do tempo, o futebol foi se consolidando na grade das principais estações radiofônicas.

Dessa forma, tanto o rádio quanto o próprio esporte criaram uma união bilateral em que ambos se retroalimentam. Por um lado, as estações pretendiam, ao utilizar-se do futebol, atrair mais ouvintes e conseqüentemente valorizar sua marca. Ao mesmo tempo, essas transmissões contribuíram para ampliar ainda mais o número de adeptos e simpatizantes do esporte em território brasileiro.

Soares (1994) expõe que, tornando-se cada vez mais veloz e dinâmica, as transmissões futebolísticas no rádio tiveram seu ápice nas Copas do Mundo de Futebol de 1958 e 1962. Ainda como o principal meio de comunicação, o rádio foi o responsável por transmitir os dois títulos da Seleção Brasileira. Em 1962, a cobertura radiofônica foi intensa, criando um cenário em que as transmissões futebolísticas no rádio se tornaram um fenômeno do cotidiano da maioria dos brasileiros, que acompanhavam e consumiam o maior evento mundial esportivo.

Foi exatamente nas Copas de 1958 e 1962 que os atletas de futebol (da Seleção Brasileira, especificamente) foram dados como grandes ídolos e heróis nacionais, potencializados, claro, pelos títulos mundiais conquistados pela Seleção Brasileira em tais

anos. Como na época ainda não havia a transmissão via televisão, foi o rádio o grande responsável por criar essa ponte entre a Seleção e a torcida (sociedade brasileira).

Todo esse processo culminou no estabelecimento de um vínculo permanente entre o rádio, os atletas e os amantes do esporte. A hegemonia das transmissões futebolísticas no rádio perdurou até a Copa do Mundo de 1970, quando a televisão começou a despontar como uma outra via para acompanhar os jogos de futebol (GUERRA, 2006).

Com os atletas da Seleção Brasileira já consagrados com o bicampeonato e em busca do tri, a transmissão radiofônica da Copa do Mundo de 1970 foi a consolidação de um sistema comunicativo radiofônico que estabeleceu uma ligação intrínseca entre os ídolos do esporte e este meio de comunicação. Frente a todo esse histórico, a questão norteadora desta monografia se desenvolve na seguinte problemática: “Como a transmissão radiofônica da final da Copa do Mundo de 1970, realizada pela Rádio Nacional, construiu discursivamente os ídolos nacionais do referido esporte?”.

Tal transmissão¹ radiofônica, que tem ao todo 1h 49 '11", foi feita por dois narradores, Jorge Curi e Waldir Amaral, com comentários de Luiz Mendes e Mário Vianna e complementos de Willy Gonser e Paulo César Tenius. Sobre o contexto histórico da narração, havia uma grande expectativa da Seleção Brasileira para conquistar o tricampeonato, após o vexame na edição passada em 1966. A final terminou 4 a 1 para o Brasil, com gols de Pelé, Gérson, Jairzinho e Carlos Alberto Torres.

Vale destacar que esta monografia se justifica inicialmente por uma indagação pessoal, esboçada ainda de forma inicial no projeto de extensão do qual o pesquisador faz parte, denominado “Tiro Livre” (projeto que é uma iniciativa da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil - PROAE, da Universidade Federal de Uberlândia-UFU). Os principais ídolos do esporte mais popular do Brasil sempre estiveram presentes nas pautas e nas produções radiofônicas do referido projeto de extensão. Dessa forma, houve um anseio primeiramente particular de aprofundar no tema em questão e compreender todo esse cenário complexo entre rádio/futebol/ouvintes.

Com isso, é importante salientar que esta pesquisa também é relevante no âmbito acadêmico. Após um levantamento bibliográfico, observou-se uma escassez de estudos relacionados às transmissões futebolísticas no rádio e como isso se relaciona com a criação de grandes ídolos nacionais do esporte em questão.

¹ A transmissão completa se encontra no link:

<https://drive.google.com/drive/folders/1q8tqhrpEJhIHKs-G03SEsXo3W8zbL4B?usp=sharing>

As pesquisas analisadas no levantamento bibliográfico, em sua maioria, se estabelecem em um nível mais analítico e observativo da relação entre o esporte e o meio de comunicação (o rádio). Em suma, as pesquisas relatam como se deu essa junção e quais os desdobramentos desse elo entre futebol/rádio, sem haver uma correlação com os ouvintes. Dessa forma, esta pesquisa avança e abre uma nova reflexão teórica sobre a forma como as transmissões futebolísticas de rádio podem criar grandes ídolos nacionais.

Além disso, esta pesquisa também se justifica em relação à sua relevância social. Estudar as transmissões futebolísticas de rádio pode auxiliar jornalistas esportivos em suas práticas profissionais do dia a dia. Conhecer a teoria aprofundada sobre a relação entre as transmissões e os ídolos nacionais é fundamental na prática do comunicador esportivo, podendo aperfeiçoar e refletir sobre o seu próprio fazer.

Por ser o esporte mais popular do Brasil, a pesquisa pode ser útil a uma parcela considerável da população brasileira que acompanha o esporte. Segundo um levantamento realizado pela empresa de informação, dados e medições *Nielsen Sports (2018)*, em 2018, 60% da sociedade brasileira tem interesse por futebol. Por conta disso, a relevância social está na própria importância que o tema tem no debate cultural e histórico da sociedade brasileira.

Frente a isso, o objetivo central da monografia é compreender como a transmissão futebolística no rádio, da emissora *Rádio Nacional*, constrói discursivamente os ídolos nacionais do referido esporte, focando nos atletas da Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1970 (Pelé, Gérson, Jairzinho e Rivellino).

Os objetivos específicos se estabelecem em analisar, a partir da Análise do Discurso Francesa com recorrência a Michel Foucault, as coberturas jornalísticas esportivas no rádio, envolvendo narradores, repórteres e comentaristas; refletir sobre a relação entre discurso e sujeito, para a compreensão de como a transmissão radiofônica se relaciona com os ouvintes; discutir a relevância e influência do rádio no processo de popularização do futebol no Brasil, considerando a importância deste meio de comunicação na sociedade brasileira; e, por fim, levantar quais regularidades discursivas se fazem presentes nas transmissões futebolísticas no rádio que constroem os ídolos do esporte.

Com isso, para que os objetivos (central e específicos) fossem contemplados, houve uma revisão teórica que pudesse abranger todo esse cenário da pesquisa em questão. Dessa forma, no primeiro capítulo teórico, denominado por “Rádio e Futebol: um elo que conquistou milhões”, há uma abordagem sobre como este meio de comunicação e tal esporte se encontraram e como ambos se potencializam. Além disso, também são apresentados alguns

pontos relevantes na narração esportiva radiofônica e uma discussão sobre as transmissões de futebol no rádio após o surgimento da TV.

No segundo capítulo teórico, discute-se alguns conceitos relevantes na Análise do Discurso Francesa com recorrência a Michel Foucault. Denominado por “Discurso, Sujeito e Poder”, evidencia em quais bases a Análise do Discurso foucaultiana pode se firmar. Neste momento, busca-se compreender como o discurso se articula e se constitui pelas/nas relações de saber-poder entre sujeitos.

Já no terceiro capítulo, denominado “Discurso Midiático e os Ídolos do Futebol Brasileiro”, há um estudo sobre a relação entre discurso e campo midiático, visto que a presente pesquisa se debruça sobre os discursos midiáticos radiofônicos. Também é debatido sobre o que é ser um ídolo do futebol brasileiro, culminando em uma busca por relacionar os elementos do discurso midiático com a produção de ídolos nacionais do referido esporte.

No quinto capítulo, “A Construção de um Percurso Metodológico”, centrado em apresentar a parte metodológica, descreve-se como se desenvolveu o empreendimento analítico, como se organizou o tratamento do *corpus* para responder à questão norteadora. É neste capítulo que há em definitivo a análise do objeto escolhido, utilizando-se da Análise do Discurso foucaultiana. O gesto de análise levantou cinco regularidades discursivas presentes na narração. A partir delas, realiza-se o batimento de descrição e interpretação, divididos em subseções.

Por fim, na conclusão da pesquisa, há uma retomada da pergunta central, demonstrando quais os caminhos percorridos para que a mesma fosse respondida. Também houve uma reflexão crítica sobre os resultados obtidos na análise foucaultiana e um olhar mais amplo para outras possibilidades que a pesquisa poderia observar.

2. RÁDIO E O FUTEBOL: UM ELO QUE CONQUISTOU MULTIDÕES

O presente capítulo reflete sobre os caminhos entrecruzados do rádio e do futebol. Retomando a questão histórica, tal capítulo debate as características deste meio de comunicação e também do referido esporte que se tornou nacional e tão popular no Brasil. Além disso, serão expostos alguns pontos relevantes na narração esportiva radiofônica, especificamente em uma transmissão futebolística. Por fim, haverá uma discussão sobre as transmissões de futebol no rádio nas décadas de 1960/70, principalmente após o surgimento da TV.

2.1 Rádio e futebol

Conforme Guerra (2006), tanto o rádio quanto o futebol ganharam popularidade até chegarem ao posto de paixões nacionais. O rádio foi a principal mídia eletrônica até meados do século 20, presente em todas as casas das mais diversas classes sociais. O futebol, esporte mais popular no país, é praticado e assistido por milhões de brasileiros. Segundo o autor, esta relação se mantém até hoje em dia, uma vez que o futebol é ainda narrado pela forma estabelecida pelo rádio décadas atrás. Assim, o rádio pode ser o responsável por moldar a narrativa do referido esporte, tanto nas transmissões quanto nas mentes dos ouvintes.

Nesse sentido, Anjos (2010) observa que a intrínseca relação entre o futebol e o rádio foi sendo tecida desde os primórdios de ambos. Depois de dez anos da chegada da rádio ao Brasil, em 1932, a emissora Rádio Educadora Paulista transmitiu a primeira partida de futebol no Brasil, feita por Nicolau Tuma. Soares (1994, p.13) afirma que “outros locutores podem ter feito transmissões antes de Tuma, mas não com toda a descrição da partida, lance por lance, do início até o final”. Sobre isso, uma questão relevante em todo esse espectro de junção entre o esporte e o meio de comunicação é que ambos estavam em um processo de popularização.

Guerra (2006, p.33) revela que:

O Brasil entra nos anos 30 diante de um grande fenômeno de cultura de massas. O rádio é apresentado como um dos instrumentos que vai promover a integração nacional e o futebol, que vinha se tornando mania nacional, poderia perfeitamente contribuir com isso também. Enquanto um, o rádio, surgiu como primeiro veículo de comunicação de massa, o outro se transformou no esporte que maior paixão despertou no brasileiro. Ambos

nasceram no berço das elites, mas logo se transformaram em mania nacional, com base na emoção e criação de ídolos.

Guerra (2006) ainda esclarece que não é coincidência que ambos (rádio e futebol) tenham caído no gosto popular durante o mesmo período. Isso se justifica, pois, um deve ao outro parte de seu crescimento: “O desenvolvimento da parte tecnológica do rádio está diretamente ligado às coberturas esportivas. A necessidade de se criar condições para as transmissões fez com que soluções técnicas fossem logo descobertas e implantadas” (GUERRA, 2006, p.21). O pesquisador reforça que o rádio sempre teve como virtude uma capacidade de se reinventar e de encarar novos desafios. Assim, foi a partir da cobertura esportiva que houve um desenvolvimento do jornalismo como um todo, abarcando estratégias, equipamentos e formas de cobrir determinado acontecimento.

Ainda debatendo sobre como se deu a popularização do futebol por meio do rádio, Almeida (2004) revela que os torcedores só começaram a frequentar as arquibancadas por volta de 1910. Naquela época, o público era elitizado, ou seja, “os intelectuais ainda gostavam de futebol e comparavam, em artigos derramados e versos eloquentes, os jogadores a deuses gregos, os estádios ao Olimpo. Desde que os 'deuses' e os 'olimpós' pertencessem, é claro, à elite, nacional ou estrangeira” (ALMEIDA, 2004, p.4). O pesquisador afirma que enquanto a elite assistia das arquibancadas, a classe média enchia os estádios com muita paixão e entusiasmo, sempre acompanhando as partidas pelo rádio. Dessa forma, o interesse pelo esporte aumentou e o público passou a se estabelecer em classes menos elitistas e mais populares.

Trazendo um debate semelhante, Soares (1994) explica que o rádio até 1930 funcionava como um clube de contribuintes, ou seja, sustentado por pessoas que tinham condições financeiras de se associar em determinada emissora. Era justamente por esse motivo que a programação da época se desenvolvia para esta pequena parcela da sociedade. Foi somente depois da publicidade que as emissoras começaram a ter uma programação mais popular, transformando o evento esportivo muito atrativo para as emissoras radiofônicas.

Nesse sentido, Guerra (2000) afirma que até 1932 o rádio “vivia de contribuições e atendia à elite, mas ganhava em 1932 a autorização para a publicidade” (GUERRA, 2000, p.18). Conforme o autor, tal fator foi fundamental para potencializar o estilo de programação e uma futura profissionalização do referido veículo de comunicação. O autor acrescenta que, até a estruturação das emissoras neste novo modelo mais profissional, a cobertura das partidas de futebol era realizada de forma simples, ou seja, um único narrador no local do jogo

comunicando-se através de um telefone. Com isso, depois de um maior investimento, as transmissões futebolísticas se tornaram tão populares.

Soares (1994) revela que um dos fatores que motivaram maior atenção das rádios para o radiojornalismo esportivo foi justamente sua rentabilidade, sendo considerado área do jornalismo que se mantém até hoje em dia entre as de maior faturamento publicitário. A autora também expõe que, no início dos anos 1930, o rádio e o futebol brasileiro passavam por uma fase em que tentavam se profissionalizar e se livrar de vez do elitismo, abarcando um público de classes mais populares: “(...) o rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa” (SOARES, 1994, p.17).

Tomando por base a afirmação acima, a temática esportiva conseguiu uma alta capilaridade nas programações das principais rádios da época. Soares (1994) acrescenta que o radiojornalismo esportivo foi uma das primeiras atividades a se firmar no rádio e continua ocupando um tempo relevante nas principais emissoras brasileiras, abrindo espaço para programas semanais e comentários durante a semana sobre os principais jogos.

Sobre esse tempo disponibilizado que as principais emissoras dão às transmissões futebolísticas no rádio, Anjos (2010) explica que, diferentemente das radionovelas e radioteatros, as transmissões de futebol não desapareceram do rádio. A autora esclarece que as características particulares do rádio fazem com que o futebol se mantenha nas programações das emissoras até os dias de hoje. O principal fator citado pela autora, sobre o não desaparecimento do futebol no rádio, é o fato dessa transmissão futebolística ser mais atraente e emocionante.

Segundo Abreu (2001), para prender a atenção do ouvinte e tornar a partida de futebol mais atrativa, a narrativa esportiva dá um valor mais simbólico ao ouvinte, estimulando, assim, o imaginário popular. O autor pondera que isso se dá a partir de uma estratégia na qual “(...) a mercadoria simbólica é a emoção do torcedor, sua identificação com o time e os jogadores que o representam. A paixão despejada em mais um “jogo de vida ou morte”. No noticiário esportivo, toda partida tem uma importância especial” (ABREU, 2001, p.2). Justamente sobre o imaginário popular e como isso favorece para que as transmissões futebolísticas ainda tenham certa relevância no meio radiofônico, é possível perceber que:

Das primeiras transmissões feitas por Romeu Tuma e Amador Santos, já com estilos diferentes, até os tempos atuais, a união do futebol com a narração esportiva faz do futebol no Brasil um espetáculo à parte. Foram

surgindo estilos próprios para a descrição do jogo. Para ilustrar o imaginário do torcedor e conquistar a sua audiência, narradores no rádio e na televisão utilizaram formas criativas, inventaram bordões e buscaram no próprio povo expressões que pudessem facilitar a identificação com o que estavam falando (GUERRA, 2006, p.2).

Com isso, é a partir de tais técnicas e peculiaridades que a transmissão futebolística no rádio se mantém viva, mesmo com a concorrência direta das transmissões audiovisuais (televisão ou plataformas de *streaming*). Uma das características mais marcantes do rádio esportivo é transformar o evento em propriamente um espetáculo:

O rádio esportivo foi e continua sendo como um teatro. Os locutores apresentam o espetáculo e o ouvinte aplaude os artistas. Os aspectos mais comuns do teatro, segundo Bertolt Brecht, são recreação e diversão. O que os radialistas esportivos fazem na narração tem um pouco disso tudo, é show e entretenimento (SOARES, 1994, p.34).

O rádio esportivo como um espetáculo também é observado por Abreu (2001), afirmando que o rádio esportivo constrói um verdadeiro show. Segundo o autor, tal construção narrativa do evento tem apelo sensorial, lançando mão de sonorização ambiente e de uma riqueza descritiva. Assim, a narração realça o futebol como um espetáculo que passa apenas de um mero entretenimento, em que o locutor usa expressões como “festa da decisão” e “futebol show” para qualificar a partida narrada. Tal narrativa busca criar um cenário que estimula o imaginário do ouvinte.

Ferraretto (2014) observa que desde 1930 os narradores de futebol no rádio foram se aperfeiçoando, criando bordões e recebendo suporte de comentaristas de jogo, de analistas de arbitragem, de repórteres de campo e setoristas. Dessa forma, constrói-se uma rede de profissionais criada para ajudar a compor o show radiofônico que envolve a transmissão dedicada a uma partida de futebol.

Almeida (2004) corrobora com tal reflexão e pondera que o futebol foi transformado em um grande espetáculo graças ao rádio. Isso se deu pois a popularização do esporte aproxima os narradores dos ouvintes, utilizando-se de um vocabulário informal. O autor coloca que o rádio buscou através dos vários recursos da linguagem radiofônica (a capacidade emotiva da voz, músicas, vinhetas) levando a magia ao ouvinte.

As expressões fazem parte do vocabulário popular, seja porque dele foram extraídas, seja porque acabam sendo absorvidas por força da mídia. Temos aqui um caso de interação de linguagem, em que locutores e ouvintes se complementam. [...] Não há distinção de classe social na proposta

discursiva, na medida em que se utiliza uma linguagem popular mas que pode ser absorvida sem problemas por qualquer camada social (ABREU, p.3, 2001).

Também trazendo para o debate a questão do vocabulário e da linguagem radiofônica, Guerra (2006) observa que foi por meio de técnicas de linguagens estereotipadas e redundantes que os narradores conquistaram seu espaço dentro do cenário futebolístico. Com isso, mesmo com a falta da imagem daquilo que está acontecendo, o público passou a incorporar a transmissão como parte do espetáculo.

Sobre tais técnicas de linguagem, Abreu (2001) reforça que as metáforas, hipérboles e outros mecanismos linguísticos, concretizadas nos bordões que dão forma a uma narração, permitem ao ouvinte visualizar o jogo. O autor ainda afirma que a função da narração futebolística no rádio consiste na busca constante da emoção a partir de um mecanismo definido pela busca por contradições, por exemplo, sucesso e fracasso, amor e ódio ou glória e decadência.

2.2 Narração futebolística radiofônica

Conforme Anjos (2001), por conta da ausência de imagem, os narradores de futebol do rádio desenvolveram um estilo bastante particular em que cada lance parece oferecer perigo ao goleiro, trazendo tensão ao evento esportivo. Segundo a pesquisadora, esse estilo aprimorado se tornou típico das locuções radiofônicas e pode ser considerado parte dos atrativos das transmissões.

Soares (1994) comenta que esse estilo de narração é a principal parte do espetáculo proporcionado pelo rádio esportivo. Para tornar o evento um produto atrativo, a autora evidencia que os locutores criam códigos que facilitam a compreensão dos lances narrados. É a partir dessa visão que a pesquisadora divide a narração radiofônica em duas escolas bem específicas.

A primeira é denominada escola denotativa², na qual “o narrador nada mais é do que o fotógrafo do que acontece. Ele fotografa com a voz e comunica tudo que está havendo” (SOARES, 1994, p. 56). De acordo com a autora, a altíssima velocidade no falar das palavras

² Soares (1994) divide o estilo de narração em uma partida de futebol em duas. A primeira é a denotativa, que se caracteriza por ter uma altíssima velocidade no falar das palavras, isso sendo consequência da fidelidade na descrição dos lances e a preocupação em não deixar nada de lado. Por outro lado, o estilo conotativo se caracteriza pela utilização constante de figuras de linguagem, metáforas e preza por uma linguagem mais bem humorada e moderna.

é uma característica marcante desta escola, isso sendo consequência da fidelidade na descrição dos lances e a preocupação em não deixar nada de lado.

Segundo Guerra (2000), o maior exemplo deste modelo de narração foi Nicolau Tuma. Em seu livro “Você, ouvinte, é a nossa meta”, o autor traz um relato do próprio narrador. Para o pesquisador, Nicolau Tuma sabia que o ouvinte deveria “ver” o jogo segundo seus olhos para que sua descrição fizesse sentido. Ele precisava prender a atenção e provocar a imaginação do torcedor, colocando, assim, um estilo de narração extremamente veloz, descrevendo todos os lances do jogo.

Eu precisava dar ao ouvinte que estava ligado com seu rádio galena à minha transmissão a ideia do que ia acontecer. Não imaginava como poderia fazer isso até que cheguei ao estádio e busquei em uma caixinha de fósforo a melhor forma de descrever o campo de jogo. Falei: imaginem, ouvintes, uma caixa de fósforo ou pensem num retângulo. Ao abrir o microfone, disse: estou aqui no reservado da imprensa, contemplando as arquibancadas. Estou ao lado das gerais e vou transmitir para vocês que me ouvem o relato fiel do 15 que vai acontecer em campo (TUMA apud GUERRA, 2004, p.5).

Abreu (2001) acrescenta que tal estilo de narração obedece a uma estrutura marcadamente descritiva. Isso se dá por meio dos verbos que são expressados nas ações dos jogadores, sendo apresentadas de forma objetiva e discreta. Com isso, a emoção, na escola denotativa, concentra-se no tom da narração e no som ambiente (foguetes e ruído da torcida).

Já a segunda escola, conotativa, tem como característica o uso de expressões de cunho mais metafórico e ambíguo. Conforme Soares (1994), o estilo é mais bem humorado, rápido e moderno, utilizando bastante os efeitos sonoros, vinhetas e dando mais destaque aos repórteres de campo. Esse estilo tem a função de “tentar unir o lado jornalístico com o artístico durante a irradiação esportiva. A emoção e a vibração são os ingredientes básicos do seu show para segurar o ouvinte” (SOARES, 1994, p.65). A autora ainda salienta que, independentemente do caminho que se tome (conotativo ou denotativo), estes comunicadores se aproveitaram dos recursos da linguagem do rádio para tornar o futebol interessante.

Sobre esse estilo conotativo, Guerra (2006) observa que a transmissão do futebol no rádio tem um marco divisório. Dentre tantos narradores futebolísticos no rádio, o autor destaca que existe uma fase antes e outra depois de Osmar Santos. O radialista, que faz parte da escola conotativa, é considerado um dos fundadores dessa corrente narrativa. O pesquisador ainda relata que Osmar Santos revolucionou a forma de transmitir futebol em pleno período em que a televisão já dominava a atenção do público. Sua criatividade em sua

narração surpreendeu a todos com expressões que criava e com as citações que fazia em plena transmissão.

A narração inovadora de Osmar Santos também foi objeto de estudo para Andrade (2002). A autora expõe que o locutor usava a dramaticidade como elemento para reforçar a narração, atuando como verdadeiro mediador do jogo, já que precisava falar da partida para quem não a assistia, para quem estava no estádio. Com isso, Osmar Santos valorizava a partida com muita dramaticidade, chamando a atenção do ouvinte de maneira constante.

Osmar Santos gostava muito de poesia, era um grande leitor de Carlos Drummond de Andrade, Camões, Eça de Queirós, além de se utilizar de muitas coisas da música brasileira. Além destas influências, o locutor captava muita coisa da linguagem popular que ouvia no dia a dia (ANDRADE, 2002, p.53).

2.3 Transmissão futebolística no rádio após o surgimento da TV

Conforme Guerra (2006), apesar do surgimento da televisão na década de 1950 como principal meio de comunicação concorrente nas transmissões futebolísticas, o rádio não deixou de ser relevante nesse setor esportivo. O autor revela que um dos motivos é que as primeiras partidas transmitidas pela televisão eram consideradas sem muita emoção, sempre monótonas. Isso se justificava pelo fato de os locutores tentarem dar uma nova forma de narração, que se diferenciava do rádio.

Sobre as primeiras impressões das diferenças entre as transmissões na rádio e na TV, Nogueira (2005) observa que a transmissão do futebol pela TV mudou muito a relação com o torcedor. Para o pesquisador, o futebol perdeu muito em fantasia depois que apareceu a televisão, tirando do torcedor a capacidade de sonhar em cada drible, em cada passe e em cada gol. O rádio, dessa forma, tinha a capacidade de transportar aos campos de futebol os torcedores, justamente pelos lances narrados no rádio.

Outro ponto relevante levantado por Guerra (2000) é que houve uma mudança em relação à transmissão no rádio após o surgimento da TV. Assim, com o surgimento deste concorrente, era preciso que o rádio se adaptasse.

Tão logo imaginou a possibilidade de ser ameaçado pela concorrência das transmissões dos jogos pela televisão, o rádio reagiu com o que possui de mais forte: agilidade e imaginação. Enquanto a TV apresentou como novidade uma infinidade de números, tira-teimas, introduzindo estatística como suporte para a equipe que transmitia, o rádio fortaleceu a prestação de

serviço. Nas concentrações, nas ruas, nos vestiários, falando de trânsito, do posto médico do estádio, o rádio optou por trazer mais jornalismo às suas transmissões esportivas. Tudo isso, sem abandonar a linguagem específica (GUERRA, 2000, p.13).

Desta forma, Soares (1994) salienta que o surgimento da televisão não significou um fim para o rádio, somente possibilitou ao rádio se adaptar e evoluir. Segundo a autora, este meio de comunicação seguiu evoluindo emoção para seus ouvintes a partir de investimentos na parte tecnológica da transmissão, melhorando o sinal e a qualidade de áudio.

Guerra (2000) também evidencia alguns outros pontos que foram se aperfeiçoando nas transmissões radiofônicas após a disputa com a TV. Um deles foi uma maior interação com o público, contando com a participação dos torcedores com opiniões referentes. Outro recurso observado pelo autor nas transmissões foi a utilização de vinhetas e efeitos sonoros para identificar o tempo e o placar, além de outras situações do jogo.

O rádio sempre foi assim: companheiro, próximo, cheio de histórias, inclusive nos bastidores [...] Ele também sempre teve como virtude uma capacidade de se reinventar, de encarar novos desafios. Foi assim que contribuiu, a partir da cobertura esportiva, para o desenvolvimento do jornalismo como um todo, seja em estratégias, seja em equipamentos e formas de cobrir o acontecimento. A Copa de 70, no cenário em que foi coberta, com certeza pode render vários desdobramentos. Ela é tão rica em experiências, seja pelo advento da TV ou pela forma como se encontrou para que fosse viabilizada a cobertura pelo rádio. Muito do que foi feito neste mundial ficou de herança até hoje (GUERRA, 2000, p.10).

A partir disso, Guerra (2000) observa um movimento relevante nesse cenário de chegada da televisão como possível concorrente do rádio. O autor revela que foi na Copa do Mundo de 1970 (justamente a Copa analisada nesta monografia) que houve a formação de um 'pool' de emissoras, ou seja, uma junção das principais rádios (e também emissoras de TV) para transmitir eventos esportivos. O pesquisador conta que, por conta do México (país que sediava a referida Copa) não ter muitas linhas de transmissão, a cobertura de todas as emissoras brasileiras interessadas se tornou inviável. Dessa forma, foi necessário dividir as emissoras em cinco grupos, pois havia apenas cinco sinais de áudio disponibilizados para as emissoras brasileiras. Com isso, houve uma junção entre as principais emissoras da época, fortalecendo ainda mais a relação do futebol com as transmissões de rádio.

Guerra (2000) também expõe que, em 1966, na Copa do Mundo passada, realizada na Inglaterra, houve a criação de várias linhas de financiamento para que a população comprasse aparelhos de TV. Apesar disso, o rádio ainda era o principal meio que transmitia os jogos da

Seleção Brasileira. “Mas mesmo com todo esse esforço governamental e todo o encantamento da população pelas imagens da TV, o grande campeão de audiência continuou sendo o rádio” (GUERRA, 2000, p.8). Conseqüentemente, o autor explica que é a partir desse cenário que começa o hábito de ver o jogo pela TV com o som vindo do rádio. Essa paixão, segundo o entendimento de Guerra (2000), perdura até os tempos atuais.

Por fim, realizadas algumas reflexões sobre a relação intrínseca entre o rádio e o futebol brasileiro se faz necessário debater sobre alguns conceitos relevantes no que se entende por discurso foucaultiano. Tais conceitos serão abordados no próximo capítulo, denominado “Discurso, Sujeito e Poder”. Estes conceitos serão utilizados a fim de buscar responder a questão central da monografia, envolvendo a construção discursiva dos ídolos do futebol brasileiro.

3. DISCURSO, SUJEITO E PODER

O presente capítulo desta monografia visa teorizar e fazer correlações com alguns teóricos relevantes no cenário da Análise do Discurso Francesa, com recorrência a Michel Foucault. Dessa forma, será desenvolvida uma reflexão sobre três pilares e conceitos nesse campo, que são eles: discurso, poder e sujeito.

Em primeira instância, Foucault (1960) chama de discurso um conjunto de enunciados apoiados em uma mesma formação discursiva. Isso significa que há um número limitado de enunciados, definindo, dessa forma, condições de existência para tal discurso aparecer e circular na sociedade. Ou seja, todo discurso se materializa em enunciados.

Conforme Fernandes (2012), o discurso em termos foucaultianos se estabelece como uma “reverberação” de uma verdade que nasce diante dos olhos do próprio sujeito, concretizando-se em enunciados materialmente existentes, “são proposições que adquirem caráter de verdadeiras passando a constituir princípios aceitáveis de comportamento” (FERNANDES, 2013, p.19).

Nesse sentido, o discurso pode ser considerado “um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica [...] as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 1960, p.43). Sobre tal função, o filósofo elucida alguns elementos fundamentais no entendimento do que é posto como função enunciativa, que são eles: materialidade, campo associado, referencial e posição sujeito.

Foucault (2009), em sua obra intitulada *A Arqueologia do Saber*, ao examinar o enunciado, descobriu que tal função se apoia em conjuntos de signos, necessitando de um referencial, um sujeito, um campo associado e uma materialidade. Conforme o autor, a materialidade desempenha um papel muito importante, sendo ela a constitutiva do próprio enunciado, ou seja, o enunciado precisa ter um suporte. Sobre o campo associado, o filósofo revelou que é a partir deste campo que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado, permitindo ter um contexto determinado.

Já em relação ao referencial do enunciado, Foucault (2009) observa que o mesmo forma a condição de um enunciado existir, definindo as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu valor de verdade.

É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação, por oposição a seu nível gramatical e a seu nível lógico: através da relação com esses diversos domínios de possibilidade, o enunciado faz de um sintagma,

ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode, ou não, atribuir um sentido, uma proposição que pode receber ou não um valor de verdade (FOUCAULT, 2009, p.103)

Sobre essa função enunciativa disposta pelo discurso, Sargentini e Navarro (2004, p.26) explicam que o “enunciado é um conjunto de signos em função enunciativa”. Tal característica do enunciado é uma questão bastante discutida pelos autores. Conforme os mesmos, há uma relação intrínseca entre o enunciado e o que ele enuncia.

Dado isso, a relação é diferente daquela encontrada, por exemplo, entre os teóricos gramaticais, que se debruçam sobre a relação gramatical, lógica ou semântica entre a frase e seus sentidos. Mais do que isso, há uma relação que envolve os sujeitos, passando pela história e envolvendo a própria materialidade do enunciado Sargentini e Navarro (2004).

Sousa (2017) explica que o enunciado na visão foucaultiana rompe com as formulações da gramática tradicional e com correntes funcionalistas, fundadas em uma busca do sentido que está inserido nas frases, textos ou discursos. Por outro lado, os estudos da análise do discurso foucaultiana prezam pela relação entre sujeito e história na constituição e funcionamento dos discursos.

Com isso, Foucault esclarece que por conta de ter uma materialidade repetível, o enunciado aparece como “um objeto no qual os homens produzem, manipulam, utilizam, transformam, trocam, combinam, decompõem, recompõem, eventualmente destroem” (FOUCAULT, 1969, p.125). Por fim, Foucault (1969) explica que o enunciado serve para permitir ou proibir algum desejo ou interesse.

Dessa forma, Navarro (2008) define enunciado como a menor parte do discurso que o analista recorta do arquivo. Ele expõe que Foucault caracteriza o enunciado como uma função, compreendendo como um princípio de diferenciação que circunscreve o objeto do qual o discurso fala (referencial) e também uma posição do sujeito, concebido em termos de modalidades enunciativas.

Sobre a posição do sujeito, Foucault (1996) ainda esclarece que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época, é preciso considerar as condições históricas para o aparecimento de um objeto discursivo que garantam esse dizer em determinada época. Sargentini e Navarro (2004) corroboram evidenciando que não é qualquer sujeito que pode sustentar um discurso.

Dessa forma, é preciso, antes de tudo, que lhe seja reconhecido o direito de falar, que fale de um determinado lugar reconhecido pelas instituições, que possua um estatuto tal para proferir discursos. Gregolin (2007) também evidencia que discurso é o espaço em que saber e

poder se articulam, ou seja, compreender quem fala, fala de algum lugar, sempre baseado em um direito reconhecido institucionalmente.

Ainda sobre algumas características presentes no que se chama de enunciado, Sargentini e Navarro (2004) revelam que o mesmo sempre terá interlocuções com outros enunciados já pronunciados, com aqueles concomitantes a ele e aos que se projetam, posteriormente: trata-se do campo associado. “Há uma relação do enunciado com a série de formulações com as quais ele coexiste. Isso atesta sua historicidade. Do seu ponto de vista, essa é mais uma diferença entre frase, proposição e o enunciado” (SARGENTINI, NAVARRO, 2004, p.28).

Sobre tal relação entre a historicidade e o discurso, Machado (1982) expõe que os enunciados necessitam estar embasados em realidades materiais no espaço e no tempo. Desta forma, o enunciado depende de uma materialidade, que é sempre de ordem institucional, no sentido de uma estrutura de poder.

Essa noção de historicidade, para os estudos foucaultianos, é de imprescindível importância para compreender todo esse cenário de enunciados já constituídos. Dessa forma:

A discursividade tem, pois, uma espessura histórica, e analisar discursos significa tentar compreender a maneira como as verdades são produzidas e enunciadas. Assim, buscando as articulações entre a materialidade e a historicidade dos enunciados, em vez de sujeitos fundadores, continuidade, totalidade, buscam-se efeitos discursivos (GREGOLIN, 2007, p.15).

Gregolin (2007) ainda revela que é necessário analisar as práticas discursivas, pois é o dizer que fabrica as noções e os temas de um momento histórico. É a partir de uma análise dessas práticas que se mostra que a relação entre o dizer e a produção de uma “verdade” é um fato histórico. A autora expõe que o enunciador tem uma vontade de verdade sobre quem está recebendo o enunciado. Por isso, o enunciador constrói no discurso todo um dispositivo verdadeiro, espalhando marcas que devem ser encontradas e interpretadas pelo enunciatário. Nesse mesmo caminho, Rago (2002) expõe que a análise dos discursos deve sempre levar em conta as noções históricas, permeadas em sua materialidade (tempo e espaço), tendo efeitos práticos em determinado momento.

De acordo com Foucault (1995), é necessário que os discursos devam ser percebidos em seus processos histórico-sociais de constituição, mostrando-se por meio de um conjunto de acontecimentos discursivos. Com isso, cabe compreender sua produção como um elemento ligado ao “histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história,

que coloca o problema de seus próprios limites [...], dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às complicitades do tempo” (FOUCAULT, 2009, p.132-133).

Navarro (2008) também destaca que a noção de história nos estudos foucaultianos tem algumas diferenças bem marcantes que são necessárias de serem expostas. Na introdução de *A Arqueologia do Saber (1969)*, Foucault explicita sua concepção de história (história geral) e como ela se distingue do método da história tradicional (história global). Com isso, Navarro (2008) revela que, enquanto a história globalizante procura se estabelecer em bases econômicas e sociais, Foucault debate sobre uma história geral que problematiza as séries, os recortes e os deslocamentos.

Essa forma de fazer história possuiu outro modo de analisar o tempo, que não se restringe apenas ao critério cronológico, e isso se deve ao fato de a temporalidade não ser única para todos os homens, o que nos leva a pensar na heterogeneidade de tempo num mesmo momento histórico. Em outras palavras, podemos afirmar que estamos vivendo a era digital, mas é preciso considerar que esse momento histórico não abarca todos os homens (NAVARRO, 2008, p.60).

Fernandes (2012) explica que esse elemento ligado à história é essencial na busca por compreender como se dá a produção do discurso. Existe em cada enunciado uma singularidade que só é compreendida por meio desse espectro histórico.

Trata-se de compreender a singularidade da existência do enunciado, suas condições de produção, ou seja, busca-se verificar, a partir do enunciado produzido em determinada época e lugar, as condições de possibilidade do discurso que esses enunciados integram". Isso equivale dizer que as transformações históricas possibilitam a compreensão da produção do discurso, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão (FERNANDES, 2012, p.20).

Sobre o conjunto dessas condições históricas, Michel Foucault (1996) reflete que o sujeito nasce em um mundo já constituído de/em linguagem e que os discursos são práticas na sociedade, e, dessa forma, nos tornamos sujeitos dos/pelos discursos. Ou seja, “implica que se tenha atrás de si todo um conjunto de saberes, de discursos já constituídos” (FOUCAULT, 1996, p.42).

Com isso, Foucault (2013) apresenta uma série de mecanismos que controlam a produção dos discursos na sociedade, pois a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída. Tal mecanismo de controle se dá porque

os discursos passam por uma produção que pode ser controlada por aqueles “habilitados” para fazê-la, por instituições, campos de saber, exercícios de poder. Isso pode ser percebido como práticas discursivas definidas pelo status do sujeito que fala, a partir do lugar que fala, considerando, assim, as posições sociais que assume quando fala.

Dada tal estrutura de poder, Fernandes (2012) explica que o discurso em Foucault é percebido como um conjunto de enunciados que integram as malhas do poder, perpassando em todas as relações entre sujeitos, o discurso aparece envolto de saber e poder. É nesse momento que há a introdução de outro conceito bastante importante nos estudos foucaultianos sobre o discurso: o poder.

Antes de qualquer análise, Sargentini e Navarro (2004) ressaltam que esse tipo de poder não é o mesmo daquele encontrado nos adeptos do marxismo-althusseriano, ou seja, de um poder centralizado em um determinado aparelho ideológico. Sobre tal diferenciação, Navarro (2008) também explica que Michel Foucault não trabalha com a categoria de ideologia marxista, referenciando um poder a algo relacionado ao poder estatal, exercendo força sobre os indivíduos de determinada sociedade.

Com isso, Fernandes (2012) expõe que as relações de poder são sutis, múltiplas, em diversos níveis. O autor ainda explica que o poder é inerente às relações humanas e se apresenta em micro instâncias. Estes poderes existem tanto do lado dos dominantes como dos dominados, ou seja, se encontra em todas as relações entre sujeitos na sociedade.

Sobre tais relações humanas estarem apresentadas em micro instâncias, Barros (2004) explica que o poder está em toda a parte, inclusive sob a forma de micropoderes. Com isso, as relações de poder atuam nas construções de sistemas de pensamento que se constituíram em discursos.

Rabinow e Dreyfus (1995) esclarecem que tais relações de poder não são simplesmente denominadas de uma relação entre parceiros individuais ou coletivos, mas sim um modo de ação de alguns sobre outros. Isso permite que haja uma visão de que não existe em si um poder que exista globalmente ou concentrado, mas um poder exercido de uns sobre outros.

Dessa forma, Foucault (1995) reflete que as práticas e exercícios de poder estão enraizados e constituem as relações sociais. Com isso, Navarro (2013) explica que o poder classifica os indivíduos em categorias, designa-os pela sua individualidade, ligando-os a uma identidade peculiar e impõe-lhes uma lei de verdade que precisa ser reconhecida.

Foucault (2013), ao discorrer sobre o poder, expõe seu caráter produtivo, que se exerce por meio de práticas sociais constituídas historicamente. Silveira (2005) esclarece que para Foucault o poder em si não existe, o que há são relações de poder que perpassam todas as camadas sociais, ou seja, “o poder não vem de cima para baixo, mas é criado pelas diferentes relações de força, [...] surge de todos os lados: de cima para baixo, de baixo para cima e lateralmente” (SILVEIRA, 2005, p.57). Dado isso, o poder pode ser considerado um:

feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. Portanto, o problema não é de constituir uma teoria do poder [...] Se o objetivo for construir uma teoria do poder, haverá sempre a necessidade de considerá-lo como algo que surgiu em um determinado ponto, em um determinado momento, de que se deverá fazer a gênese e depois a dedução. Mas se o poder na realidade é um feixe aberto, mais ou menos coordenado [...] de relações, então o único problema é munir-se de princípios de análise que permitam uma analítica das relações do poder (FOUCAULT, 1996, p.141).

Sobre esse poder dado como uma espécie de feixe, para Pez (2008), podemos perceber que em Foucault qualquer ponto de exercício de poder é múltiplo. Ou seja, as relações de poder são melhor representadas por feixes e não por uma linha, isto é, uma pequena relação de poder está ligada e pode gerar inúmeras outras totalmente imprevisíveis quanto ao seu sentido.

Desta forma, Foucault (2013) explica que a noção de poder está ligada ao desejo que um determinado grupo ou instância possui sobre os discursos de uma determinada área. O teórico acredita que deter as “verdades” sobre um determinado campo de saber significa poder controlar a produção discursiva sobre determinada área de conhecimento.

Ainda sobre as concepções foucaultiana de poder, Silveira (2005, p.43) explica que “é problemático buscar em Foucault uma teoria geral do poder. Assim, ao invés de teoria, o melhor termo a ser utilizado é analítica do poder”. Logo, observar o poder na ótica foucaultiana, não se trata de tomá-lo como exclusivo do Estado, mas como está presente cotidianamente nas relações dos sujeitos na sociedade.

Neste sentido, Sargentini e Navarro (2004) explicitam que o discurso sempre está articulado ao exercício do poder. Com isso, há poder no próprio discurso, cujo funcionamento se dá no interior das práticas discursivas. Para Foucault (1998), o poder está em todo lugar, disseminado no interior das instituições criadas pelos homens. Por isso, o teórico não debate sobre ideologia, determinando aqui que o sujeito pode ou não falar, mas em sistemas de interdição, em limites que tentam controlar a produção dos discursos na sociedade.

Por meio desses mecanismos coercitivos, as instituições conjuram o acaso do discurso, impondo regras para quem deseja entrar na sua ordem. A ordem do discurso pode ser lida, por esse viés, como uma arqueologia dos procedimentos de controle, de seleção, de organização e de redistribuição dos discursos, bem como uma arqueologia dos procedimentos que instituem e significam o sujeito que fala (SARGENTINI, NAVARRO, 2004, p.113).

Rabinow e Dreyfus (1995), ao buscarem significar o que são as relações de poder, revelam que pode ser considerado como um conjunto que opera sobre o campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos na sociedade, sempre com o intuito de incitar, induzir, ampliar ou limitar, coagir ou impedir as ações dos sujeitos na sociedade. Por fim, os autores concluem que apesar de equivocado, o termo “conduta” pode ser um dos melhores termos para observar o que de fato é dado como relações de poder. Ou seja, o exercício do poder consiste em conduzir condutas e em ordenar a possibilidade.

Sobre essas relações de poder, Pez (2008) relaciona o discurso e poder com outro conceito importante nesse debate teórico: o sujeito. Segundo tal, o sujeito do conhecimento é constituído dentro de uma conjunção de estratégias de poder. Ou seja, o sujeito é um produto do discurso, logo das relações de saber-poder. Não há um sujeito essencial que estaria alienado por ideologias, por relações de poder que encobririam sua visão da realidade. Conforme Rabinow e Dreyfus (1995), o sujeito humano é colocado em relações de produção e significação, sendo colocado em relações de poder muito complexas.

Neste esteio, Foucault (1995) explica que o objetivo de seus estudos não foi o estudo do poder em si mesmo, e sim observar como os seres humanos tornaram-se sujeitos. Logo, trata-se de observar como o sujeito é condição para a existência dos discursos, mas também como ele é constituído em sujeito pelos discursos. Nesse sentido, Pez (2008) reforça que o sujeito seria um composto histórico.

Conforme Sargentini e Navarro (2004), seguindo o pensamento de Foucault sobre o sujeito, considera-se que as relações do sujeito se estabelecem entre o saber, o poder e a ética. Trata-se de observar como o sujeito se constitui enquanto sujeito do seu saber, enquanto sujeito que exerce ou sofre relação de poder e enquanto sujeito de sua própria ação.

Dessa forma, pode-se concluir que “o sujeito não preexiste ao discurso, ele é uma construção no discurso, sendo este um feixe de relações que irá determinar o que dizer, quando e de que modo” (SARGENTINI, NAVARRO, 2004, p.113).

Neste sentido, Foucault (1971) reflete como a sociedade pode ser compreendida como um espaço em que o sujeito já foi, ou está sendo, submergido pelo discurso. Assim, o teórico observa a concepção de um sujeito como sendo uma construção historicamente determinada pelas práticas discursivas. O filósofo ainda complementa que os sujeitos são sempre sujeitados, são pontos de aplicação de técnicas, de disciplinas normativas, mas não são nunca sujeitos soberanos.

É necessário fazer uma distinção. Em primeiro lugar, creio, efetivamente, que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que se encontra em qualquer lugar [...] Penso, ao contrário, que o sujeito se constitui por meio das práticas de assujeitamento, ou de uma maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antigüidade, desde (bem entendido!) um certo número de regras, estilos, convenções que se encontra no meio cultural (FOUCAULT, p. 730, 1994).

Esse conceito de liberdade no sujeito se contrapõe novamente com a corrente marxista da qual Foucault procura se distanciar de um sujeito alienado. Conforme Rabinow e Dreyfus (1995), o poder só se exerce em sujeitos livres, enquanto livres, sujeitos individuais ou coletivos que tem diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas e modos de comportamento podem acontecer.

Assim, como ponderam Sargentini e Navarro (2004), os estudos foucaultianos buscam realizar suas análises sobre a constituição do sujeito na trama histórica da qual o mesmo participa, bem como sobre os mecanismos e as estratégias empregados pelas práticas discursivas para legitimar processos de subjetivação. Tal subjetivação, conforme Rabinow e Dreyfus (1995), há dois movimentos importantes sobre e para o sujeito: sujeito ao outro através do controle da dependência, e ligado à sua própria identidade através de uma consciência e do autoconhecimento.

Essa busca por uma identidade do sujeito também é exposta por Fernandes (2012). Conforme o autor, o sujeito não é considerado algo homogêneo, pois sua identidade:

está em um constante processo de produção e sofre transformações, pois o sujeito se encontra em um ambiente marcado pela heterogeneidade e por conflitos sociais, sua identidade constitui-se pela inscrição dos sujeitos na exterioridade social, é constituída pela relação de um com o outro. Com o discurso, o sujeito tem sua unidade no caminho de uma contradição a outra; encontra-se entre o “eu” e o “outro”, no espaço discursivo. Os sujeitos são marcados por determinações sócio-históricas e são atravessadas por discursos de outrem, com os quais se unem, e dos quais se diferenciam e/ou distanciam (FERNANDES, 2012, p.41).

A heterogeneidade descrita por Fernandes (2012) também é uma característica da identidade observada por Sargentini e Navarro (2004). Conforme os autores, a relação sempre descontínua entre o discurso e a história permite considerar que a identidade não é algo definitivo e acabado. “O que existem, na verdade, são práticas de subjetivação que produzem identidades, por isso a identidade é um processo que está em constante mutação.” (SARGENTINI, NAVARRO, 2004, p.121).

Foucault (1995) argumenta que uma das formas de constituição dos indivíduos em sujeitos seria através dessa subjetividade constituída discursivamente, ligada aos poderes que regulam a sociedade, expressos em discursos, que buscam docilizar o indivíduo de forma a torná-lo produtivo ou portador de posturas e condutas desejáveis.

Sobre essa produção de uma identidade do sujeito, Sargentini e Navarro (2004) explicam que não existe enunciado que aparece pela primeira vez, o processo de produção de identidade decorre do fato de cada enunciado colocar em cena o sujeito, por ele significado, o que eles dão o nome por a memória do dizer. “A identidade vai, pois, sendo construída a partir da memória que emerge em determinados momentos, sempre lembrando que em cada emergência há a produção de um novo sentido, nunca o mesmo” (SARGENTINI, NAVARRO, 2004, p.121).

Dessa forma, Silveira (2005) relata que Foucault observou o discurso com o intuito de refletir sobre a constituição do sujeito e no complexo conjunto de elementos descontínuos na história. Segundo o autor, os trabalhos de Foucault mostram como os objetos construídos a partir dos discursos estão em um processo de constante formação e transformação, marcados pela descontinuidade.

Sobremaneira, como ponderam Sargentini e Navarro (2004), é necessário olhar para o sujeito a partir da análise das técnicas que edificam os saberes. Os autores observam que as análises sobre o sujeito são pertinentes para os estudos do discurso e da articulação da língua e história, frisando que a preocupação central desse filósofo não tem a ver com buscar a verdade do ser, mas, sobretudo, diagnosticar processos e forças que movem a história, construindo discursos e constituindo os sujeitos.

Por fim, após a teorização de alguns conceitos relevantes no cenário de uma análise de discurso foucaultiana se faz necessário ligar isso com a noção de mídia e ídolos do futebol brasileiro, abarcando, assim, toda a questão norteadora desta monografia. Isso será debatido no próximo capítulo nomeado “Discurso Midiático e os Ídolos do Futebol Brasileiro”.

4. DISCURSO MIDIÁTICO E OS ÍDOLOS DO FUTEBOL BRASILEIRO

Neste capítulo, discute-se a relação entre discurso e o campo midiático, visto que a presente pesquisa se debruça sobre os discursos midiáticos radiofônicos. Não obstante, reflete-se sobre o que é ser um ídolo do futebol brasileiro, culminando em uma busca por refletir os elementos do discurso midiático com a produção de ídolos nacionais do referido esporte.

4.1 Discurso e Mídia

Segundo Gregolin (2007), o discurso pode ser considerado uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos. Dessa forma, tomando por base a mídia como prática discursiva, é necessário analisar a circulação dos enunciados, as posições de sujeito que estão ali assinaladas, as materialidades que dão forma aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem com a história e a memória. “Trata-se, portanto, de procurar acompanhar trajetórias históricas de sentidos materializados nas formas discursivas da mídia (GREGOLIN, 2007, p.13).”

Essa memória histórica que é estabelecida pelos enunciados midiáticos é debatida por Sargentini e Navarro (2004). Conforme os autores, a memória histórica vinculada às imagens e aos enunciados verbais e visuais auxilia a compreender o modo como a memória de uma sociedade migra para os enunciados midiáticos, sendo reciclada e reutilizada como referência de informação.

De modo mais abrangente, essa migração possibilita compreender a maneira como as imagens do passado são re-significadas pela prática jornalística que cria, a partir delas, um novo material verbo visual, resultando desse movimento interpretativo na história um acontecimento discursivo singular (SARGENTINI, NAVARRO, 2004, p.128).

No funcionamento dos discursos midiáticos, destaca-se o papel da memória, noção discutida por Michel Pêcheux (1999). Segundo o autor, a formação de uma memória se marca a partir de um jogo de retomadas e de efeitos de paráfrase. Com isso, o autor esclarece que a transformação de um acontecimento em memória está em um jogo de forças entre o acontecimento, que é novo, e a sua estabilização sob a forma de memória. Pêcheux (1999,

p.52) considera que a “memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’”.

Gregolin (2007) explica que há sempre um cruzamento entre passado e presente, no que a autora chama por memória discursiva. Conforme a pesquisadora, as novas representações são agenciadas com os sentidos já tradicionais, ou seja, é como “nó em uma rede”, em que cada enunciado se relaciona com outras séries de formulações, com outros trajetos que se cruzam e constituem identidades através justamente de uma memória discursiva.

Sobre esse cruzamento entre o presente e o passado, Pêcheux (1997) coloca que o enunciado é um entrelaçamento complexo, ou seja:

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxicosintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação (PÊCHEUX, 1997, p.53).

Foucault (1969), ao discorrer sobre a relação indissociável que há entre enunciados, afirma que na sociedade há narrativas maiores que repetem, discursos que são ditos uma vez e que se conservam, porque nelas está algo importante para determinado período histórico; ao mesmo passo, há aqueles pueris, prestes a desaparecer no momento em que são ditos.

Ampliando esta discussão sobre uma seqüência de enunciados, Fischer (2002) ressalta que a mídia hoje em dia é caracterizada como uma “visibilidade de visibilidades”, isto é:

(...) ela e suas práticas de produção e circulação de produtos culturais constituiriam uma espécie de reduplicação das visibilidades de nosso tempo. Da mesma forma, poderíamos dizer que a mídia se faz um espaço de reduplicação dos discursos, dos enunciados de uma época. Mais do que inventar ou produzir um discurso, a mídia o reduplicaria, porém, sempre a seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que “deve” ser visto ou ouvido (FISCHER, 2002, p.86).

Com isso, apesar da mídia ser um dispositivo de visibilidades, ela também está ligada a um processo incessante de repetição discursiva, criando condições para a produção de repetidas e novas discursividades. Conforme a autora, ao reduplicar os discursos, a mídia trata de reorganizá-los, construindo novos discursos. Fischer (2002) complementa revelando que

tal reduplicação dos discursos midiáticos se dá via edição, culminando em cenários e personagens criados e produzidos pela própria linguagem que é peculiar dos produtos midiáticos.

Dessa forma, os produtos midiáticos se constituem como um tipo de armadilha (FOUCAULT, 2000), como aparatos de visibilidade, sendo, conforme Fischer (2002), lugares específicos de enunciação. Tais lugares específicos são debatidos por Deleuze (1991), os definindo como “formas de luz que distribuem o claro e o obscuro, o opaco e o transparente, o visto e o não visto” (DELEUZE, 1991, p.66).

Nesse sentido, Navarro (2012) expõe que, ao analisar determinado enunciado midiático, a investigação das memórias ali presentes e suas relações de sentido podem contribuir na observação do funcionamento das práticas discursivas materializadas nos enunciados midiáticos.

Ainda sobre a relação entre memória e discursos midiáticos, Gregolin (2007) explica que as mídias têm a função de mediação entre seus leitores e a realidade. Dessa forma, os discursos midiáticos não oferecem a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. Ainda segundo a autora, na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que se relaciona com a memória ou esquecimento.

Gregolin (2007) também esclarece que é a mídia que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, criando uma identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente.

Esse efeito de “história ao vivo” é produzido pela instantaneidade da mídia, que interpela incessantemente o leitor através de textos verbais e não-verbais, compondo o movimento da história presente por meio da resignificação de imagens e palavras enraizadas no passado. Rememoração e esquecimento fazem derivar do passado a interpretação contemporânea, pois determinadas figuras estão constantemente sendo recolocadas em circulação e permitem os movimentos interpretativos, as retomadas de sentidos e seus deslocamentos. Os efeitos identitários nascem dessa movimentação dos sentidos (GREGOLIN, 2007, p.16).

Sobre as produções discursivas presentes na mídia jornalística, Sargentini e Navarro (2004) revelam que tal produção obedece às regras dessa prática discursiva. Os autores ainda explicam que a produção do acontecimento discursivo na mídia pode ser pensada da seguinte

maneira: o processo que torna eventos em produtos midiáticos se faz pela ordem discursiva midiática que se impõe ao trabalho dos jornalistas e repórteres.

Navarro (2012) também esclarece que os produtos midiáticos costumam, pelo próprio funcionamento da mídia, atingir milhões de pessoas diariamente. Isso pode se dar tanto pela audiência inicial quanto pela reprodução desses enunciados na mesma mídia ou sua replicação em outras. Dado o alcance que os produtos midiáticos têm junto ao público, seleciona-se um conjunto de enunciados oriundos deste campo para observar as características de objetivação e subjetivação dos sujeitos.

Tal subjetivação é também debatida por Gregolin (2007), frisando que os discursos veiculados pela mídia constituem identidades baseadas na regulamentação de saberes sobre o modo que as pessoas devem agir. A autora exemplifica que as propagandas são exemplos claros de dispositivos por meio dos quais instalam-se representações, orientando a criação simbólica da identidade.

Gregolin (2007) ainda acrescenta que não há nos discursos da mídia apenas reprodução de modos de agir, mas também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades.

Ao mesmo tempo, há uma tensa relação entre a mídia e seus leitores: a subjetividade é fabricada e modelada no registro social, mas os indivíduos vivem essa subjetividade tensivamente, apropriando-se dos componentes fabricados e produzindo a singularização, criando outras maneiras de ser. Se só houvesse submissão, não haveria produção de novos sentidos. Acontece que não há agenciamento completo análise do discurso e mídia das subjetividades, mas um permanente entrelaçamento móvel entre as forças de territorialização e as de desterritorialização, ambas agindo e provocando contradições (GREGOLIN, 2007, p.23).

Em uma entrevista realizada em 2018 (ocorrida durante o IV Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso), Gregolin expõe que a mídia é o principal dispositivo de agenciamento das subjetividades, de produção das subjetividades. A autora complementa afirmando que nossas identidades são formadas pelas diversas mídias presentes no nosso cotidiano.

Sobre os processos de subjetivação, Foucault (1969, p.109) expõe que pode ser considerado como “pressupostos ou transcritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si”. Navarro (2012) acrescenta, ao

analisar a subjetivação em termos foucaultianos, que a subjetivação dos sujeitos nos enunciados processa-se por meio de uma estratégia discursiva ancorada no funcionamento linguístico (e entre outros), possibilitando que os acontecimentos discursivos possam ressignificar as identidades.

Somado a isso, Gregolin (2007) discute que as mídias passam a assumir esse papel de produzir identidades que eram exercidas por outras instituições (escola, por exemplo). Assim, formam as identidades porque têm a característica de invadir o cotidiano dos sujeitos de determinada sociedade. Se antes o dispositivo era mais institucionalizado, com os produtos midiáticos, há uma ação muito mais direta sobre a produção de “kits” de identidade.

Assim, Pich (2003) traz para o debate da relação entre a mídia e a construção de identidades uma conclusão que se desenvolve em uma análise na qual a mídia assumiu o papel de capilarizar as possibilidades de produção dos sujeitos, como consequência da consolidação do processo de incorporação na vida cotidiana dos diversos veículos midiáticos, tais como: o jornal impresso, o rádio, a TV e atualmente a internet. Com isso, o autor observa que as construções midiáticas estão presentes em toda parte, inclusive no meio futebolístico, principal evento esportivo brasileiro.

4.1.1 Discurso, mídia e futebol

Helal (2003) afirma que as construções midiáticas presentes nas transmissões futebolísticas só são possíveis porque o futebol é a modalidade esportiva mais importante no Brasil, tanto que é considerado um dos principais elementos da cultura nacional. Com esse grau de importância, evidentemente, o futebol sofre grande influência da mídia em geral, tendo uma enorme cobertura por parte da imprensa. Dessa forma, é impossível dissociar do fenômeno esportivo os meios de comunicação e a organização social presente no espetáculo. Nesse sentido, Rubio (2002) propõe que, ao analisar o esporte, deve-se considerar que este é um fenômeno cultural de grande magnitude na sociedade, possibilitando apresentar inúmeras situações e manifestações em relação aos diversos grupos sociais envolvidos.

Segundo Campbell (1995), uma das maiores construções discursivas que surgem entre a mídia e o futebol é a figura do herói. Esse herói é caracterizado como um futebolista que conseguiu superar as dificuldades e conquistou feitos relevantes no cenário competitivo do esporte. Assim, o autor explica que a “saga clássica do herói fala de um ser que parte do

mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna à casa, trazendo benefícios aos seus semelhantes” (CAMPBELL, 1995, p.36).

Conforme Rubio (2002), a influência da mídia nos eventos esportivos faz com que o atleta profissional do esporte contemporâneo tenha sido reconhecido como uma personalidade pública, ídolo e herói. Isso se dá porque a figura dos atletas está associada ao sucesso, à fama e a uma vida vitoriosa, ou seja, valores cultivados pela sociedade atual. Nesse sentido, Marques (2005) destaca que o universo esportivo é propício para a formação de ídolos e heróis, pois os atletas e jogadores de futebol são constituídos em um processo intensamente estabelecido por construções midiáticas.

Como Pich (2003) coloca, a construção da figura do herói não pode ser entendida fora da criação operada pela mídia, a qual tem seus próprios interesses que orientam tal produção midiática. Assim, não se trata de tomar o trabalho jornalístico como uma mera reprodução dos acontecimentos sociais, mas como uma “mediação” na qual é assumida uma perspectiva para selecionar as informações a serem transmitidas e quais não serão transmitidas. Com isso, o autor afirma que não pode ser entendido o herói simplesmente como a história de um indivíduo na qual se expressa uma cultura, mas como uma criação cultural orientada a cumprir determinados fins.

De acordo com Helal (2003), essa característica presente nos jogadores de futebol, de um “ídolo-herói”, acaba por transformar o universo futebolístico em um terreno fértil para a produção de narrativas heróicas por parte do público. Conforme o autor, as façanhas dos ídolos despertam a curiosidade do público que consome os eventos futebolísticos. Com isso, suas respectivas trajetórias rumo à fama são “editadas” na mídia, enfatizando certos aspectos, potencializando assim a produção desses ídolos nacionais:

No Brasil, as narrativas das trajetórias de vida dos ídolos enfatizam sobremaneira a genialidade e o improviso como características marcantes e fundamentais para se alcançar o sucesso. Isto se torna ainda mais evidente nos universos das artes e dos esportes. A seleção brasileira que conquistou o tricampeonato em 1970, por exemplo, é até hoje idealizada como uma equipe que não precisava treinar e tampouco necessitava de recomendações táticas, quando sabemos que, na verdade, a comissão técnica daquela seleção se utilizou de métodos de preparação física dos mais modernos da época (HELAL, 2003, p.2)

Helal (2003), ao analisar alguns nomes de prestígio do futebol brasileiro, tal como Ronaldo “Fenômeno”, observa que houve uma construção narrativa específica que possibilitou ao atleta um posto de herói. De acordo com o autor, tais narrativas começaram na

França, em 1998, quando passou mal antes da partida decisiva e posteriormente saiu derrotado na final da Copa do Mundo daquele ano. Ainda conforme o pesquisador, naquele momento, os fãs "descobriram" que o atleta era "um homem como outro qualquer", podendo sofrer com inúmeros problemas e sendo refém dos mesmos. Dessa forma, com a queda do ídolo, ficou evidente uma tentativa de "humanização", em vez da figura de um "super-herói" Ronaldo. Segundo Helal (2003), é como se o problema sofrido por ele aproximasse o ídolo dos fãs, aumentando a identificação e iniciando uma nova trajetória de ídolo esportivo:

A narrativa clássica do herói fala de superação de obstáculos, redenção e glória. Até a Copa de 1998, a narrativa impressa em torno de Ronaldinho não falava de superações, provações, obstáculos nem tampouco de redenção e glória.[...] Até então não tínhamos presenciado fenômeno semelhante de narrativa mítica, iniciada de forma tão meteórica e espetacular, sem que o ídolo esportivo tivesse superado obstáculos e provações no caminho e nem ao menos tivesse conquistado um triunfo para dividir com a comunidade (HELAL, 2003, p.108).

Marques (2005) também analisou o processo de construção da imagem do ídolo em Ronaldo Fenômeno. O autor explicita que Ronaldo é um exemplo muito bem acabado do mito moderno no esporte, traçando o mesmo percurso clássico do herói mítico, numa trajetória cujas contusões, derrotas e conquistas serviram perfeitamente para a construção de uma imagem idolatrada em todo planeta.

Nesse sentido, Helal (2003) esclarece que as narrativas dos atletas, ao enfatizar o sucesso a partir do esforço e do trabalho, se ligam aos modelos de heróis mais próximos das sociedades anglo-saxônicas, permeadas por uma ética única do trabalho e do indivíduo. Por outro lado, o padrão predominante na construção da idolatria nas narrativas é de um ideal “essencializado” de seres humanos, que cometem erros.

Sobre tal superação de obstáculos que se dá como uma das características de todo ídolo futebolista, Campbell (1990, p.133-134) explica que as provações são concebidas para “ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói. Será que ele está à altura da tarefa? Será que é capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a capacidade que o habilitem a servir?”.

Pich (2003) corrobora com a ideia de um ídolo com fracassos em sua história, pois a figura do herói esportivo veiculada pela mídia e instituída no imaginário social adquire o status da resposta possível para superar as frustrações do insucesso social, e tornar os indivíduos aceitos pela sociedade. Isso cria uma espécie de estratégias de controle social

mantendo nos indivíduos a esperança de um futuro melhor, sem colocar em risco a reprodução da ordem social atual.

Rubio (2006) também destaca que essa trajetória de um futebolista que precisa estar diariamente se provando é uma característica marcante na construção de ídolos esportistas. O autor frisa que a trajetória de um ídolo é marcada, sim, por suas vitórias e conquistas. Contudo, a derrota tem a função de reconstruir o herói, proporcionando-lhe enriquecimento, preparando-o assim para novos desafios e fazendo com que saia fortalecido para lutar por novas conquistas. Dessa forma, o ídolo aprende a persistir diante da derrota e superar dificuldades, transformando-o em uma referência a ser seguida. A autora ainda esclarece que o ídolo pode influenciar indivíduos de maneira positiva e negativa, pois suas atitudes podem ser interpretadas e absorvidas de acordo com o momento e com a interpretação do público.

É justamente por essa interpretação por parte do público que Helal (2003) expõe que nas narrativas das biografias dos principais futebolistas brasileiros há uma edição dos fatos, ou seja, certos momentos são super dimensionados enquanto outros são reduzidos a um plano secundário. Com isso, a eficácia da edição se faz presente e funciona através dos discursos e ações dos próprios atletas em questão. O autor ainda acrescenta que as narrativas das trajetórias míticas em torno das figuras futebolísticas são criadas a partir de suas biografias, por meio de uma relação dialética e dinâmica entre as ações dos “objetos mitificados” e o contexto social presente em determinada época.

O contexto histórico para a construção dos ídolos nacionais futebolísticos é um tema debatido por Pich (2003). Conforme o autor, nos tempos atuais, a figura do herói não pode ser entendida fora do discurso da sociedade atual:

Nossa perspectiva será a de entender que essa figura enquanto significante identitário de uma sociedade é apropriada e investida de significado, portanto inscreve-se na ordem simbólica de toda sociedade. Essa participação da ordem cultural da sociedade implica na legitimação da mesma, dessa maneira os significados, e principalmente os valores atribuídos ao herói não podem ser entendidos isoladamente, independentes dos interesses que produzem o discurso do herói (PICH, 2003, p. 206).

Ainda buscando criar conexões entre as construções midiáticas de um herói esportivo e do contexto histórico ali presente, Pich (2003) observa que o futebol participa do processo de criação e recriação de significados sociais e que ele próprio constitui um campo do imaginário que é denominado por imaginário esportivo. O pesquisador também revela que,

para compreendermos o imaginário esportivo, é necessário observar que este participa do imaginário social na configuração da identidade social do sujeito de uma comunidade.

4.1.2 Copa do Mundo de 1970 e os ídolos futebolísticos da época

Conforme Guerra (2004), o cenário na época para com os atletas da Seleção Brasileira era de desconfiança e críticas, por conta da fracassada participação brasileira na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra. Nesse sentido, Rodrigues (1966) observa que isso aconteceu por conta dos dois títulos consecutivos, em 1958 e 1962, tornando a Copa de 1966 um torneio que teve muita expectativa. O autor frisa que, com a eliminação precoce em 1966, a Copa de 1970 foi marcada por uma grande pressão da torcida brasileira e também de jornalistas esportivos.

Na revista *Manchete*, de 30 de julho de 1966, Nelson Rodrigues escreveu o artigo “*A explosão do caos*”, explicando justamente o clima tenso que foi criado após a Copa do Mundo de 1966, fato que iria repercutir quatro depois na Copa do Mundo de 1970. Conforme o autor, os grandes culpados foram a comissão técnica, tirando a pressão dos jogadores.

O jogador brasileiro não tem culpa de nada, é inocente da cabeça aos sapatos. Continua sendo o maior craque do Mundo. A comissão Técnica é que preparou, cavou e cultivou o abismo em que estão metidos não só o futebol do Brasil como 80 milhões de brasileiros [...] Esses homens tiveram tudo – dinheiro, prestígio, apoio oficial e popular, pão-de-ló, pires de leite, mil e um favores – e não fizeram nada senão massacrar o time nacional com suas patas. Com cerca de quatro meses de treinos e de jogos, a Comissão não conseguiu formar um time (RODRIGUES, 1966, p.27).

Sobre esse cenário criado antes da Copa do Mundo de 1970 e depois o tão aguardado título, Marczal (2013) expõe que os jogadores vitoriosos na campanha do México retornaram ao Brasil como heróis nacionais. O autor explica que, mais do que o título, a conquista reafirmava a suposta hegemonia no campo futebolístico, colocada em xeque na Copa de 1966, na Inglaterra.

Marczal (2013) coloca que um exemplo evidente disso é a chamada da revista *Manchete* após o título da Seleção Brasileira. A revista, uma das mais lidas na época, detalhou as jogadas dos atletas da Seleção nos gols que deram o caneco à seleção canarina.

Dezoito minutos: Pelé salta com Rosato e cabeceia para as redes de Albertosi. Euforia no Estádio Asteca e em todo o Brasil. Mas a nossa seleção não se firmou ainda. O toque de bola é nervoso e há insegurança na defesa,

gerando angústias [...] Aos 22 minutos, a canhota de Gérson devolve ao Brasil a liderança no placar. Cinco minutos depois, um passe genial de Pelé para Jairzinho e o Brasil dispara: 3 x 1. O delírio é total e a desforra de 1938 completa a de 1950 contra o Uruguai. Aos 42 minutos, Pelé, extremamente calmo, genial, deu um toque para o lado. O chute de Carlos Alberto foi eletrônico. A Jules Rimet era nossa (MANCHETE, 1970, p.7).

Dentre todos esses ídolos mencionados acima, Rodrigues (1994) se debruçou em Pelé, considerado pelo autor o maior ídolo do futebol brasileiro de todos os tempos. O autor salienta que os títulos em 1958 e 1962, com apenas 17 e 21 anos respectivamente, projetou o atleta em um patamar bastante elevado, o tornando a maior referência do que é dado como “ser brasileiro”. “Mas na verdade um Pelé é inesquecível. Insisto: - apesar de toda a nossa ingratidão, Pelé é imortal. E por isso, porque ninguém pode enxotá-lo da nossa memória, eu promovo a meu personagem do ano” (RODRIGUES, 1994, p.54-55). Por fim, o autor expõe que a Copa do Mundo de 1970 foi a consagração de muitos nomes do futebol brasileiro da época, principalmente Pelé.

5. A CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a construção discursiva produzida pelas transmissões futebolísticas radiofônicas na criação de ídolos do referido esporte. Assim, a pesquisa buscou, de maneira descritiva/exploratória, observar as regularidades discursivas presentes nas transmissões radiofônicas ao enunciar os/sobre ídolos do futebol no contexto do final da Copa do Mundo de 1970. Desta forma, utilizou-se a Análise do Discurso francesa a partir das reflexões de Michel Foucault com teoria e métodos próprios de análise.

Gil (2008) revela que a pesquisa descritiva se estabelece em descrever as características de fenômenos ou de determinada população ou estabelecer relação entre variáveis. Já sobre a pesquisa exploratória, o autor explica que esta tem por finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p.27). Dessa forma, é possível observar que esta pesquisa se relaciona com ambas as definições.

A pesquisa é considerada qualitativa, pois está focada no âmbito de descrição e análise do objeto, buscando interpretar os sentidos produzidos para/sobre ídolos do esporte na transmissão radiofônica escolhida como objeto de análise.

É caracterizada também por ser uma pesquisa documental, pois o objeto é um arquivo sonoro de uma transmissão radiofônica. Gil (2008) explica que documentos são materiais que ainda não receberam tratamento analítico como, por exemplo, reportagens de jornais, fotografias, gravações, entre outros.

Dessa forma, foi realizada uma análise discursiva da transmissão da Final da Copa do Mundo de 1970, da emissora *Rádio Nacional*, baseando-se nos estudos foucaultianos da Análise do Discurso Francesa, a fim de perscrutar pelas regularidades discursivas observáveis, pelo gesto de análise, na transmissão radiofônica escolhida ao enunciar grandes nomes do futebol. Dessa forma, Orlandi (2013) expõe que é possível considerar a análise do discurso como um método pois a própria tem procedimentos já definidos em sua essência.

Assim, considerar que a proposta metodológica é uma construção do analista que possui como princípio norteador colocar questões e a problematização no confronto com os dados, o que leva a considerar a possibilidade de abstração metodológica como resultado analítico. Em face dessa problematização surge a “entrada” do analista na “descoberta” e na “construção” da metodologia. Nesse sentido, a AD rompe com análises

estruturais e deixa ao analista a sua capacidade de lidar com os dados e a habilidade teórica (ORLANDI, 2013, p.67).

Assim, de modo distinto da análise de conteúdo, “(...) a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo, ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado (ORLANDI, 2013, p.17)”. Para a realização desse empreendimento analítico, Orlandi (2013) explica que são necessários dois movimentos fundamentais: descrever e interpretar o objeto.

Dado tais predisposições, a coleta de dados se estabeleceu em um olhar aprofundado sobre a transmissão radiofônica escolhida. A referida transmissão radiofônica é a da Final da Copa do Mundo de 1970, disputada entre Brasil e Itália. A emissora *Rádio Nacional* foi a única “in loco” que transmitiu o evento, e, por isso, justificou sua utilização. Dada a distância temporal do evento esportivo e sua cobertura midiática, recorreu-se ao *YouTube*, plataforma em que o conteúdo sonoro se encontra disponibilizado.

Foi a partir desse momento que houve o exercício de análise, em um batimento entre descrição e interpretação. Compreende-se que todo o constructo teórico e o dispositivo de análise foram construídos a partir da pergunta discursiva levantada como norteadora deste trabalho: como a transmissão radiofônica da final da Copa do Mundo de 1970 construiu discursivamente os ídolos nacionais do referido esporte? Em busca de respondê-la, como gesto de análise, decidiu-se por observar quais eram as regularidades discursivas constitutivas do *corpus* analisado.

A partir da leitura do objeto analisado, movimento amparado pelas reflexões teóricas realizadas pelo analista, observou-se 5 (cinco) regularidades: nomeação valorativa dos jogadores; narrativa das jogadas de destaque; avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói; comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica a de torcedor; e a sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio.

Sobre o universo desta pesquisa, ela se baseia em narrações futebolísticas presentes nas principais emissoras brasileiras nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Com isso, pode-se citar as emissoras *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro, *Nacional* de Brasília, *Globo* do Rio de Janeiro e *Gaúcha* de Porto Alegre que faziam as transmissões dos principais jogos da época. Essa temporalidade se justifica pois, por se tratar de um assunto que envolve a criação de ídolos, a pesquisa se restringiu a analisar conteúdos sonoros de escala nacional e que fosse possível observar tal criação.

Dessa forma, o *corpus* da pesquisa é expresso pelas narrações da época em que a Seleção Brasileira teve bastante êxito (possibilitando a criação de ídolos do referido esporte). Assim, havia a possibilidade de analisar as narrações das finais de 1958, 1962 e 1970. Contudo, foi por meio de uma pesquisa prévia que se notou que não havia as narrações completas das finais de 1958 e 1962, havendo apenas os melhores momentos das respectivas partidas. Foi por esse motivo que a presente monografia se debruçou em analisar apenas a transmissão da Final da Copa do Mundo de 1970.

Vale ainda ressaltar que foi estabelecida nesta monografia o critério de conveniência, de Priest (2011), para selecionar a narração da Final da Copa do Mundo de 1970, transmitida pela emissora *Rádio Nacional*. Conforme Priest (2011), esse critério é caracterizado por uma seleção de acordo com aquilo que é conveniente para a pesquisa e que haja uma certa facilidade no acesso do objeto em questão. A conveniência nesse caso se deu, principalmente, por dois fatores: 1) acesso ao material de arquivo da época na internet; 2) evento de comoção nacional e que, não obstante, pode ser tomado como um enunciado-acontecimento pela Análise do Discurso.

5.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS REGULARIDADES DISCURSIVAS NA NARRAÇÃO

Neste momento, realiza-se o gesto de análise do *corpus*, a partir de algumas entradas propostas no próprio movimento de análise; neste caso específico, as regularidades discursivas observáveis na narração escolhida como objeto desta monografia: nomeação valorativa dos jogadores; narrativa das jogadas de destaque; avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói; comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica a de torcedor; e a sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio.

5.1.1 Nomeação valorativa dos jogadores

Ao decorrer da narração escolhida, é possível observar uma nomeação valorativa dos jogadores brasileiros e, na mesma medida, uma ausência desse movimento a respeito dos jogadores italianos. Essa valoração é dada pelo uso constante de apelidos e expressões que remetem somente aos jogadores brasileiros. Um dos principais nomes citados é de Roberto Rivellino, meia atacante da Seleção Brasileira. No minuto 14' 35", o narrador diz “olha o tiro de Riva!”, referindo-se ao jogador. No minuto 19' 28", o narrador também fala “combinou

com Riva no comando”. O mesmo acontece no minuto 22' 36", quando o narrador diz “põe na esquerda pra Riva”. No minuto 24' 30", também pode ser evidenciado em “vai Riva, dispara Riva”. Estes são somente um dos vários exemplos em que o narrador se refere a Rivellino como “Riva”.

Outro atleta brasileiro em que pode ser analisada essa nomeação valorativa é o atacante brasileiro Edson Arantes, o Pelé. É possível observar que em vários momentos este atleta é denominado por rei. No minuto 15' 25", o narrador diz “dominou o rei!”, referindo-se ao atleta em destaque. O mesmo acontece no 31' 29", quando o narrador verbaliza: “a bola vai na conta na cabeça do rei”. Já no minuto 35' 10", o narrador diz “para o rei, atrasa a jogada para Gérson”. Assim como Rivellino, o narrador ao longo da transmissão de rádio em momentos específicos dá a Pelé o título de rei.

Além de Rivellino e Pelé, outros dois jogadores também são nomeados não por seus nomes, mas por apelidos. O volante da Seleção Brasileira, Clodoaldo, geralmente é descrito como “Clodô”. Isso pode ser observado no minuto 22' 46", quando o narrador fala “Clodô pela direita” e também no minuto 29' 27", sendo dito pelo comunicador esportivo: “desde Clodô pela direita”. O outro jogador é Gérson, meia esquerda da Seleção Brasileira, sendo chamado geralmente por “o canhotinha de ouro”. No minuto 24' 06", isso acontece em “vai levando o canhotinha de ouro do futebol brasileiro”, assim como no minuto 29' 21", quando o narrador diz “vai caminhando o canhotinha de ouro” ou também no minuto 33' 22" em “vai o canhotinha trabalhando”.

Além dessas nomeações de determinados jogadores brasileiros, é possível observar também a utilização constante do enunciado “garoto” para se referir a qualquer que seja o jogador brasileiro em destaque. A materialidade pode ser vista no minuto 35' 56" quando o narrador diz “vai caminhando o garoto”. Outro exemplo é no minuto 39' 01" quando o narrador fala “desce o impressionante garoto do Sergipe”.

A partir dos excertos acima, observa-se que o uso de apelidos e expressões dadas aos jogadores pelo narrador responde a uma dada demanda enunciativa: uma tentativa de dar valor ao jogador brasileiro, excluindo os jogadores italianos. Ao fazer isso, o narrador busca trazer uma identidade aos jogadores da Seleção Brasileira. Assim, conforme Sargentini e Navarro (2004), o processo de produção de identidade decorre do fato de cada enunciado colocar em cena o sujeito, o que eles dão o nome a memória do dizer. “A identidade vai, pois, sendo construída a partir da memória que emerge em determinados momentos, sempre lembrando que em cada emergência há a produção de um novo sentido, nunca o mesmo” (SARGENTINI, NAVARRO, 2004, p.121).

Há uma tentativa também de humanizar o jogador brasileiro, por meio justamente desses apelidos, aproximando o ouvinte do atleta. Sobre tal humanização, Almeida (2004) coloca que o processo de popularização do futebol se deu justamente pela utilização de um vocabulário informal. Abreu (2001, p.3) auxilia revelando que as expressões fazem parte do “vocabulário popular, seja porque dele foram extraídas, seja porque acabam sendo absorvidas por força da mídia. Temos aqui um caso de interação de linguagem, em que locutores e ouvintes se complementam”.

Quando o narrador diz “Riva” e não Rivellino, há uma produção de uma identidade, colocando o sujeito Rivellino em cena. Isso produz um novo sentido ao jogador, não sendo considerado apenas um atleta de futebol, mas um jogador próximo e até amigo. O apelido é caracterizado historicamente por algo que se dá para um amigo ou alguém bem próximo. Com isso, é a partir dessa análise discursiva do enunciado “Riva” que se pode observar uma tentativa de produzir identidades nos jogadores da Seleção Brasileira. O mesmo pode ser observado quando o narrador utiliza “Clodô” em vez de Clodoaldo.

Já sobre Pelé, denominado como “rei”, o enunciado retoma outros discursos criados historicamente sobre o jogador, no funcionamento do campo associado. O sentido circunscrito nesse enunciado possibilita observar então que há um “reino” no futebol mundial e que este precisa de um rei para que o mesmo possa existir. Dentre tantos jogadores que poderiam estar neste posto, somente o jogador brasileiro é apto para estar. Esse jogo enunciativo se efetiva a partir do funcionamento de uma memória discursiva (GREGOLIN, 2007). Ou seja, há sempre um cruzamento entre passado e presente, em que cada enunciado se relaciona com outras séries de formulações, com outros trajetos que se cruzam e constituem identidades no funcionamento da memória discursiva. Dessa forma, o enunciado “rei” só é validado por formulações anteriores, possibilitando sua circulação na sociedade brasileira.

Sobre Pelé e a circulação de seu nome na mídia, Rodrigues (1994) salienta que os títulos em 1958 e 1962, com apenas 17 e 21 anos respectivamente, projetou o atleta em um patamar bastante elevado, o tornando a maior referência do que é dado como “ser brasileiro”. “Mas na verdade um Pelé é inesquecível. Insisto: - apesar de toda a nossa ingratidão, Pelé é imortal. E por isso, porque ninguém pode enxotá-lo da nossa memória, eu promovo a meu personagem do ano” (RODRIGUES, 1994, p.54-55).

Por fim, é possível analisar também a produção de sentido dada a Gérson, denominado pelo narrador como canhotinha de ouro. Primeiro, é necessário avaliar o porquê do enunciado “canhotinha” e não canhota. Historicamente, enunciados no diminutivo dão um sentido de intimidade e carinho, fato que não acontece quando é utilizado “canhota”. Dessa

forma, este enunciado produz sentidos de aproximação do jogador e público, ao longo da partida. A utilização do enunciado “ouro” também pode ser analisada com esse mesmo olhar.

A produção de sentidos de “ouro” se refere historicamente como algo raro, difícil de ser encontrado na natureza com certa facilidade. Ou seja, há uma produção de sentidos que coloca Gérson como um jogador único, algo que não pode ser encontrado em outro lugar que não seja em solo brasileiro. Justamente sobre esse olhar, Navarro (2012) expõe que ao analisar determinado enunciado midiático, a investigação das memórias ali presentes e suas relações de sentido podem contribuir na observação do funcionamento das práticas discursivas materializadas nos enunciados midiáticos.

Quanto ao emprego do termo “garoto”, referindo-se aos jogadores brasileiros, importa compreender como o léxico era utilizado à época. Na década de 70, havia um discurso de que a maioria dos jogadores de futebol vinham de zonas periféricas das cidades. Com isso, a utilização de “garoto” se conecta com a percepção de que estes jogadores, embora não sejam mais garotos, trazem em sua essência um vínculo indissociável com tais zonas periféricas. Além disso, o enunciado é uma estratégia enunciativa de humanizar o atleta, de não enxergá-lo somente como um jogador de futebol profissional, distante do público.

Com isso, além de observar a nomeação valorativa na narração, também é perceptível o modo como a voz do narrador também valoriza as jogadas e execuções dos jogadores brasileiros. Isso é possível de ser notado quando os jogadores brasileiros têm a posse de bola e o narrador utiliza uma voz mais aguda (até certo ponto gritada) e de certa forma emotiva. Conforme Anjos (2001), por conta da ausência de imagem, os narradores de futebol do rádio desenvolveram essa técnica, em que cada lance parece oferecer perigo ao goleiro, trazendo tensão ao evento esportivo.

5.1.2 Narrativa das jogadas de destaque

Uma das regularidades mais marcantes na narração é a narrativa em jogadas de destaque, sempre utilizando adjetivos, metáforas, advérbios e outros recursos discursivos para descrever as jogadas dos brasileiros. Observa-se a presença dessa regularidade em lances de perigo, como por exemplo em chutes para o gol adversário ou dribles realizados pelos atletas brasileiros.

A materialidade pode ser vista quando o narrador fala sobre um chute de um jogador brasileiro, no minuto 1h 04' 31", em “correu o garoto, disparou a mortífera, defendeu!”. Nesse caso, há a utilização do adjetivo “mortífera” para qualificar o chute do atleta brasileiro.

Essa característica pode ser vista também logo em seguida, no minuto 1h 04' 52", em “inteiramente livre, o zagueiro nacional que atua esplendidamente”. O uso do enunciado “esplendidamente” qualifica a atuação do zagueiro brasileiro, diferentemente daquilo narrado quando são os jogadores italianos os donos das ações de jogo. Também no minuto 1h 14' 48" o narrador diz: "situação excepcional para Rivellino, mas pode bater também Pelé”. Há nesse caso também o adjetivo “excepcional”, qualificando a situação que pode resultar em um gol brasileiro.

O mesmo acontece no minuto 1h 08' 00", quando o narrador diz “quase que a trama diabólica resulta no segundo tento”. O uso de “diabólica” mais uma vez qualifica a jogada brasileira que quase terminou em um gol. O comentarista, ao relatar um chute de um jogador brasileiro, também utiliza adjetivos, no minuto 1h 09' 18", em “ele trabalhou excepcionalmente bem, o garoto do parque, atirou entretanto com violência, muito alto, pela linha de fundo”. Em outro momento, no minuto 1h 13' 05", o comentarista dá sua opinião sobre uma jogada brasileira, “a jogada foi sensacional, o tiro carimbou o poste superior da baliza italiana, quase Rivellino, quase o segundo gol”. Nesse enunciado, além do adjetivo "sensacional" também é notório a utilização do advérbio “quase”.

Um momento específico que pode ser observado a utilização constante de adjetivos, superlativos e outros recursos discursivos são nos gols brasileiros. No segundo gol, por exemplo, no minuto 1h 19' 20", o narrador se exalta ao descrever o gol brasileiro: “Gérson, Gérson, Gérson, desempata com um golaço, um tirambaço, Gérson, pode ser o gol do campeonato, Gérson, oito é a camisa dele, indivíduo competente o Gérson”. Logo em seguida, no minuto 1h 19' 58", o comentarista relata o gol brasileiro da seguinte forma: “espetacular o gol do canhotinha, atirou com a esquerda mortífera”. Com isso, é necessário destacar os superlativos “golaço” e “tirambaço” e também a utilização dos adjetivos “competente” e “espetacular”, sempre retomando as jogadas ou os jogadores brasileiros que executaram tal ação de jogo. No terceiro gol brasileiro, no minuto 1h 24' 16", o narrador diz: “é a vitória da raça, da fibra, da garra, do coração, é vitória de noventa milhões que amam esse querido e imenso Brasil”. Nesse enunciado, pode-se destacar a utilização de qualificações dadas à vitória brasileira, em “raça”, “fibra”, “garra” e “coração”.

Abreu (2001) reforça que as metáforas, hipérboles e outros mecanismos linguísticos, concretizadas nos bordões que dão forma à uma narração, permitem ao ouvinte visualizar o jogo. O autor ainda afirma que a função da narração futebolística no rádio consiste na busca constante da emoção a partir de um mecanismo definido pela busca por contradições, por exemplo, sucesso e fracasso, amor e ódio ou glória e decadência.

Adjetivos utilizados na narração, citados acima, como “esplendidamente”, “excepcional”, “sensacional” e “espetacular”, são utilizados geralmente para caracterizar produções artísticas, como óperas, peças de teatro, exposição de quadros, entre outros. Dessa forma, constrói-se o futebol brasileiro como uma produção artística da mais alta qualidade e que o público (os ouvintes) deve apreciá-lo. Nesse caminho, Soares (1994) acredita que uma das características mais marcantes do rádio esportivo é transformar o evento em propriamente um espetáculo. “O rádio esportivo foi e continua sendo como um teatro. Os locutores apresentam o espetáculo e o ouvinte aplaude os artistas. (SOARES, 1994, p.34).”

O futebol como um espetáculo e um produto artístico também é defendido por Abreu (2001), afirmando que o rádio esportivo constrói um verdadeiro show. Segundo o autor, tal construção narrativa do evento tem apelo sensorial, lançando mão de sonorização ambiente e de uma riqueza descritiva. Assim, a narração realça o futebol como um espetáculo que passa apenas de um mero entretenimento, mas sim uma produção mais sofisticada e com traços de elegância.

Assim, o uso desses enunciados permite tal produção de sentidos, possibilitando que o futebol seja tido como uma arte e os jogadores brasileiros sejam vistos como artistas. Esse discurso se faz presente no cenário futebolístico brasileiro, ou seja, esses discursos constituíram o que era entendido como futebol brasileiro em 1970. Um “futebol arte” em que nenhuma outra nacionalidade poderia fazer páreo com o que era jogado aqui no Brasil.

Observamos essa construção discursiva sobre o futebol-arte, bem como seus jogadores, no minuto 1h 24' 16", quando o narrador diz: “é a vitória da raça, da fibra, da garra, do coração, é vitória de noventa milhões que amam esse querido e imenso Brasil”. O funcionamento deste enunciado qualifica a vitória brasileira como uma verdadeira guerra. Nas guerras entre duas nacionalidades, é preciso ter fibra, raça e garra, pois sem esses componentes não há vitória. É como se os jogadores estivessem no campo de batalha duelando contra outra nacionalidade. A produção desse sentido reforça ainda mais a narrativa de que é preciso de muita luta e batalhas para se conquistar o título mundial, valorizando, dessa forma, os feitos dos atletas brasileiros. Além disso, quando o narrador diz “é vitória de noventa milhões que amam esse querido e imenso Brasil”, discursivamente busca-se colocar a vitória como sendo de todos os brasileiros, como se todos os brasileiros estivessem em campo e tivessem vencido a batalha.

O uso de “noventa milhões” retoma a outros enunciados relevantes nesse cenário da Copa do Mundo de 1970. Um olhar histórico para tal enunciado é que o Brasil, na década de 70, vivia-se em um regime de ditadura militar. Conforme Rollemberg (1999), o país vivia seu

período de maior popularidade do regime, sob a presidência de Emílio Garrastazu Médici, com o início do “Milagre Econômico”. Assim, a vitória nas quatro linhas foi incorporada e associada a este momento positivo. Agostino (2002) complementa que o governo brasileiro explorou o tricampeonato através de todas as formas possíveis, buscando potencializar o futebol como um fator capaz de promover a unidade entre os brasileiros. Com isso, ao utilizar-se de “noventa milhões”, o narrador colabora para a unificação de todos os brasileiros, característica que era fundamental para o então atual regime político.

Neste mesmo ano, houve também o lançamento da música oficial da Seleção Brasileira para a referida Copa do Mundo. A música nomeada “Pra Frente Brasil” tem em seu início: “Noventa milhões em ação/ Pra frente, Brasil/ Do meu coração/ Todos juntos vamos/ Pra frente, Brasil/ Salve a Seleção!”. Com isso, é notório que o uso de “noventa milhões” constituiu os ouvintes brasileiros que estão sendo bem representados pelos jogadores que estão em campo. Ou seja, cada um dos atletas ali está correndo não somente por si mesmo, mas por todos os ouvintes brasileiros. Nesse mesmo sentido, é como se não houvesse somente os 11 jogadores em ação, mas 90 milhões de brasileiros que, apesar das dificuldades, sempre podem “vencer suas batalhas diárias”.

Sobre isso, Soares (1994) complementa que a utilização de adjetivos e metáforas nas narrações é uma característica da escola conotativa. Segundo a autora, esse estilo é mais bem humorado, rápido e moderno, utilizando bastante os efeitos sonoros, vinhetas e dando mais destaque aos repórteres de campo. Esse estilo tem a função de “tentar unir o lado jornalístico com o artístico durante a irradiação esportiva. A emoção e a vibração são os ingredientes básicos do seu show para segurar o ouvinte” (SOARES, 1994, p.65).

5.1.3 Avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói

Outra regularidade presente na narração em destaque são as pontuações do comentarista sobre a arbitragem. Em todo momento, é possível observar que o comentarista sempre relata algum acontecimento da partida como se a arbitragem estivesse atrapalhando e ajudando a equipe italiana de alguma forma. Tais comentários criam um cenário em que há barreiras, dificuldades e obstáculos que os jogadores brasileiros precisam enfrentar para conseguir êxito. Sobre esse funcionamento, Campbell (1995) reflete que o herói futebolista é caracterizado como um atleta que conseguiu superar as dificuldades e conquistou feitos relevantes no cenário competitivo do esporte. Assim, o autor explica que a “saga clássica do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos

considerados intransponíveis, os vence e retorna à casa, trazendo benefícios aos seus semelhantes” (CAMPBELL, 1995, p.36).

Dessa forma, a superação de obstáculos se dá como uma das características de todo ídolo futebolista. Campbell (1990, p.133-134) conclui que as provações são concebidas para “ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói. Será que ele está à altura da tarefa? Será que é capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a capacidade que o habilitem a servir?”.

Conforme Helal (2003), a narrativa clássica do herói fala de superação de obstáculos, redenção e glória. O autor coloca que essa superação é como se o problema sofrido pelos jogadores aproximasse o ídolo dos fãs, aumentando a identificação e iniciando uma nova trajetória de ídolo esportivo. Dessa forma, o pesquisador observa que essa trajetória possibilita a criação de ídolos esportivos, especificamente no futebol brasileiro.

Na materialidade analisada, observa-se que constantemente o comentarista expõe obstáculos que os jogadores brasileiros precisam ultrapassar; a arbitragem sempre está contra a Seleção Brasileira. Em 34' 55", o comentarista se revolta com a marcação de um impedimento: “absurdo, absurdo, absurdo, não houve impedimento”.

No minuto 53' 43", também é possível observar em “esse juiz não entende, não conhece o que é bola prensada”. O mesmo acontece no minuto 57' 18" em “a coisa mais absurda é essa advertência do árbitro ao atleta brasileiro, ele levou um pontapé propositalmente e ele marca a falta certa a favor do Brasil, e vai lá e adverte o jogador brasileiro, é um brincalhão”. Logo em seguida, o comentarista se indigna novamente com o árbitro, no minuto 58' 19": “senhoras e senhores, além de faltar 15 segundos, vejo o propósito da imparcialidade desse árbitro! Como ele marca com precisão cronométrica aquilo que não existiu? Pelé dominou a bola no peito, fez o gol e ele anulou ainda faltando 15 segundos! “Ô”, ratazana!”.

Nesses excertos, observa-se que o comentarista sempre descaracteriza o juiz, nunca o chamando pelo nome. Diferentemente do que acontece com os jogadores brasileiros e italianos, o comentarista se refere ao árbitro sempre como “esse juiz”. Vale destacar que o nome próprio na cultura brasileira é de extrema importância, assim quando nascemos já há um registro no cartório para identificar tal pessoa. Ou seja, quando a equipe de transmissão da partida verbaliza “esse juiz” se produz um sentido de que o mesmo não tem relevância e que tudo que ele faça haja uma certa desconfiança.

Já o enunciado “absurdo”, e sua constante repetição, é utilizado com frequência em nossa cultura em situações quando há escândalos políticos envolvendo corrupção e grandes

roubos. Dessa forma, o enunciado “absurdo” reforça que há uma predisposição do árbitro em cometer erros contra a Seleção Brasileira, sendo assim considerado como um ladrão e que não merece estar ali exercendo sua função de juiz. Por outro lado, quando algum jogador italiano sofre uma falta, o discurso do narrador e do comentarista é completamente diferente. Em nenhum momento a equipe de transmissão utiliza o enunciado “absurdo” para caracterizar uma falta cometida por algum brasileiro sobre os italianos.

Além disso, também é necessário analisar como a voz do comentarista está inserida nesse contexto. No minuto 34' 55", por exemplo, quando o comentarista diz: “absurdo, absurdo, absurdo, não houve impedimento”, é possível observar que o comentarista usa uma voz ríspida, aguda e gritante. O tom de voz utilizado por ele reforça seu sentimento de revolta e raiva no momento em que está fazendo seus comentários. Tais elementos produzem sentidos ancorados em uma dada vontade de verdade: a de que a arbitragem é imparcial e que a Seleção Brasileira está sendo constantemente prejudicada.

Também é notório as pausas de silêncio entre um “absurdo” e outro. A pausa é utilizada com frequência em discursos de políticos, palestras, oratórias, quando os mesmos querem frisar algo e fazer com que o que ele disse seja dado como importante e que seja necessária uma reflexão. Dessa forma, a pausa entre um “absurdo” e outro produz um sentido que possibilita ao ouvinte uma reflexão daquilo que ele está falando e de que isso é muito importante. Ou seja, é preciso que o ouvinte saiba que a arbitragem está cometendo erros e isso pode ser crucial para o resultado final da Seleção Brasileira.

5.1.4 Comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica a de torcedor

Outra regularidade discursiva que vale destacar é a posição sujeito do comentarista e do narrador ao longo da transmissão. Na posição-sujeito de jornalistas esportivos, espera-se que ambos exerçam a função de informar ao público. Com isso, o narrador é responsável por descrever os lances, já o comentarista tem a função de analisar taticamente e tecnicamente a partida. Contudo, como assevera Foucault (1987, p.59) “as posições de sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”. Assim, ao analisar a transmissão, observa-se que, ao enunciar, há um deslocamento da posição-sujeito jornalista esportivo – que seria aquele que relata, que observa, que descreve – para a posição-sujeito de torcedor.

No minuto 58' 55", o narrador, antes de começar o segundo tempo, diz: "Deus há de nos ajudar para ganharmos esse cortejo". Esse mesmo tipo de enunciado se repete no minuto 1h 15' 04", quando o narrador enuncia: "pode ser o segundo gol do Brasil, Deus queira". Pela terceira vez, no minuto 1h 31' 03", o narrador diz: "com o Brasil de tricampeão, se Deus quiser". Em 1h 13' 39", o narrador declara sua torcida: "Vamos embora, Brasil!". Esse mesmo enunciado acontece exatamente da mesma forma no minuto 1h 17' 29", repetindo o "Vamos embora, Brasil!". Tal enunciado se repete pela terceira vez no minuto 1h 20' 36", quando o narrador comemora o segundo gol brasileiro: "Vamos embora, Brasil, vamos para o tri, vamos para o tri, Brasil, se Deus quiser". No minuto 1h 16' 31", também é perceptível tal torcida, quando o narrador dá uma informação sobre caso a partida acabe empatada: "se houver empate, o que não esperamos, porque estamos contando com a vitória do Brasil por 3 a 1, mas se houver empate, prorrogação de 30 minutos, se persistir o empate novo jogo na terça-feira. Mas esperamos que o Brasil vença por 3 tentos a 1".

Outro excerto é o minuto 1h 21' 27", quando o narrador diz que o atleta italiano precisa ser expulso por uma falta cometida em cima de Pelé: "Tem que ser expulso, tem que ser expulso, tem que ser expulso, tem que ser expulso!". Logo após o jogador ser expulso, o narrador diz, no minuto 1h 22' 02": "Brasil, vamos na bola, vamos na raça, vamos no coração, vamos para o tricampeonato Brasil!".

Vemos se desenhar essa posição-sujeito também nas falas do comentarista ao longo da transmissão radiofônica. Logo após o segundo gol brasileiro, no minuto 1h 19' 54", o comentarista diz: "Avante, Brasil!". O mesmo enunciado se repete no minuto 1h 22' 20": "Avante, Brasil!". Em um terceiro momento, no minuto 1h 24' 43", também há a utilização desse enunciado: "Avante, Brasil!". Pela quarta vez, no minuto 1h 26' 47", o comentarista diz: "Avante, Brasil, a corrente da vitória brasileira".

Em primeira instância, vale destacar a utilização recorrente do enunciado "se Deus quiser". Esse tipo de enunciado é validado e pronunciado pelo narrador justamente por conta do Brasil ser considerado um país cristão. Esse discurso também constitui o ouvinte brasileiro cristão que faz cotidianamente suas orações a Deus e que espera um dia ser atendido. Um brasileiro que tem esperança e acredita que algo maior do que ele pode operar milagres e fazer o impossível se tornar real. O tornar-se real, nesse caso, é a conquista de mais um título nacional para o Brasil. Assim, são 90 milhões de brasileiros em constante oração para que o bem (Seleção Brasileira) vença o maligno (Seleção Italiana).

Outra construção de sentido que pode ser observada quando narrador utiliza enunciados referentes ao divino é a tentativa de transformar os simples atletas em deuses e

seres com superpoderes. Dessa forma, quando os enunciados são verbalizados favoráveis somente à Seleção Brasileira, cria-se um sentido de que os atletas brasileiros estão sendo amparados pelas forças divinas e que isso pode favorecer a equipe brasileira em campo.

Além da utilização constante desses enunciados relacionados ao divino, também há de se destacar o uso do "Avante, Brasil!" com frequência. Analisando discursivamente, a produção de sentidos desse enunciado se liga com outros enunciados verbalizados anteriormente, no funcionamento do campo associado. Um fato relevante é que esse mesmo enunciado "Avante, Brasil!" foi utilizado também com frequência na Proclamação da República do Brasil, em 1889. Ou seja, quando esse enunciado é utilizado no comentário da narração, emergem sentidos próprios de valores ufanistas, de independência, liberdade e autonomia. A cada gol do Brasil, em que o comentarista diz "Avante, Brasil!", constrói-se a ideia de que o futebol brasileiro é independente e pode jogar seu melhor futebol, sem precisar "importar" alguma característica do futebol europeu.

Pode-se também citar vários outros contextos em que o "Avante, Brasil" foi utilizado para produzir um sentido de liberdade e autonomia. Em 1930, a Revolução liderada por Getúlio Vargas já utilizava esse discurso de avanço. Outro momento histórico relevante que reverberou esse discurso foi no governo de Juscelino Kubitschek, juntamente com o famoso enunciado "50 anos em 5". Por fim, seis anos antes da Copa do Mundo de 1970, em 1964, o Brasil viu seu país ser transformado em uma ditadura militar. Novamente, o discurso de "Avante, Brasil" apareceu de forma evidente nos dizeres dos principais grupos políticos favoráveis a essa conjuntura política. Dessa forma, é perceptível que o "Avante, Brasil" verbalizado pelo narrador se liga a diversos outros contextos políticos e sociais da história brasileira.

Assim, para que tais enunciados existam, é preciso uma base histórica e social. Foucault (1996) frisa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época, sendo preciso considerar as condições históricas para o aparecimento de um objeto discursivo que garantam esse dizer em determinada época. Sargentini e Navarro (2004) corroboram evidenciando que não é qualquer sujeito que pode sustentar um discurso. Assim, o narrador e o comentarista estão em uma condição histórica que permite que os mesmos sejam verdadeiros torcedores.

Sargentini e Navarro (2004) ainda explicam que é preciso, antes de tudo, que lhe seja reconhecido o direito de falar, que fale de um determinado lugar reconhecido pelas instituições, que possua um estatuto tal para proferir discursos. Gregolin (2007) também evidencia que discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, ou seja, compreender

quem fala, fala de algum lugar, sempre baseado em um direito reconhecido institucionalmente.

Dessa forma, quando o narrador e comentarista verbalizam enunciados de torcida à Seleção Brasileira, os mesmos estão sendo sustentados em um direito reconhecido institucionalmente, que nesse caso é um veículo de comunicação de massa brasileiro. Esse mesmo discurso à favor da Seleção Brasileira em outro país não surtiria o mesmo efeito.

Por fim, também vale destacar a importância da voz nesse cenário de comentarista e narrador na posição sujeito de especialista se transformando em torcedores. Enquanto profissionais da comunicação, na posição-sujeito de jornalistas-esportivos, ambos deveriam se manter isentos e realizarem seu trabalho com imparcialidade.

Porém, é recorrente perceber que em determinados momentos eles utilizam uma voz agressiva e impositiva. Isso se faz presente no minuto 1h 21' 27", quando o narrador diz que o atleta italiano precisa ser expulso por uma falta cometida em cima de Pelé: “Tem que ser expulso, tem que ser expulso, tem que ser expulso, tem que ser expulso!”. Há uma alteração da voz, aumentando a intensidade e colocando certo peso em cada expressão. Dessa forma, a voz reforça o que está sendo dito e permite ao narrador, por conta de sua posição sujeito, criar um cenário de revolta frente ao árbitro e de completa torcida para a Seleção Brasileira.

5.1.5 Sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio

A sonoplastia da narração também é uma regularidade a ser destacada, em prol da construção discursiva dos ídolos do futebol. Em suma, a sonoplastia envolve a narração em si (narrador e comentarista) e também um efeito sonoro específico, sempre utilizado em lances que são favoráveis à Seleção Brasileira. O recurso sonoro se caracteriza como uma vinheta que diz: “Brasil, sil, sil, sil, sil, sil”. Vale destacar que esse recurso é utilizado enquanto o narrador ou o comentarista falam, misturando-se, então, com a narração e os comentários. Um fato relevante nessa análise é que a vinheta é a mistura de um homem gritando “Brasil, sil, sil, sil, sil, sil” juntamente com um recurso sonoro que remete a um som de alerta (como se fosse uma sirene). Tal função produz um sentido de identificação sonora entre os ouvintes, sempre remetendo o som com grandes momentos da Seleção Brasileira naquela referida Copa do Mundo.

Em todos os quatro gols da Seleção Brasileira, há a utilização dessa vinheta, diferentemente de quando a equipe italiana faz seu gol, sem a inserção de recursos sonoros. A materialidade, dessa forma, pode ser observada nos quatro gols da Seleção Canarina: minuto

31' 34", minuto 1h 20' 27", minuto 1h 25' 15" e no minuto 1h 41' 39". Além de tais momentos, tal efeito sonoro também aparece em faltas ou jogadas de perigo favoráveis à Seleção Brasileira.

Em todos esses momentos há a inserção dessa ferramenta sonora que não está ali por acaso. Além de criar uma identificação com o público que está ouvindo, este recurso propicia um cenário de êxtase e animação frente aos lances que estão sendo descritos. Juntamente com a voz do narrador e o barulho da torcida, o efeito sonoro se mistura com outros elementos sonoplásticos e permite um ambiente de animação por parte dos ouvintes.

Sobre a utilização de tal recurso sonoro, Almeida (2004) expõe que esse mecanismo sonoro permitiu uma maior proximidade entre o narrador e os ouvintes. O autor ainda frisa que o rádio buscou por meio dos vários recursos da linguagem radiofônica (a capacidade emotiva da voz, músicas, vinhetas) levar a magia ao ouvinte. Essa magia citada pelo autor é constantemente observada na narração em questão, utilizando-se dos recursos sonoros para transformar a partida de futebol em um verdadeiro espetáculo. O estilo de narração super veloz e as inserções dos comentaristas deixa a transmissão mais dinâmica e fluida.

Já em relação ao silêncio, por se tratar de uma narração futebolística no rádio, tal recurso não é utilizado. Pelo contrário, o silêncio é a inexistência de algo importante no jogo, algo que a narração no rádio não permite. O importante é a sequência de palavras na maior velocidade possível, não dando espaço para o silêncio. Segundo Guerra (2000), a narração no rádio precisa prender a atenção e provocar a imaginação do torcedor, colocando, assim, um estilo de narração extremamente veloz, descrevendo todos os lances do jogo.

Com isso, é possível observarmos que todos esses recursos sonoros auxiliam na criação dos ídolos brasileiros. A inserção de uma vinheta em momentos favoráveis à Seleção Brasileira é um exemplo claro que mostra as estratégias utilizadas pela equipe de transmissão para deixar em evidência algo e excluir outras. Esse jogo constante de evidenciar e excluir permite concluirmos que tais estratégias são feitas justamente para criar cenários propícios para os jogadores da Seleção Brasileira terem algum destaque sobre outros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões feitas nesta monografia, da construção teórica erigida pelo próprio movimento de análise até sua realização, buscou analisar discursivamente a transmissão radiofônica (da Rádio Nacional) da Final da Copa do Mundo de 1970 e compreender como a mesma construiu os ídolos do futebol brasileiro.

Para que tal indagação fosse respondida, buscou-se, primeiramente, discutir como se deu o encontro entre rádio e futebol e como ambos foram importantes no processo de popularização do esporte e também do meio de comunicação.

Após isso, a monografia caminhou para entender o que é considerado discurso na corrente foucaultiana e como este é inerente às relações sociais, sendo condição e produto da história. Além disso, a pesquisa se debruçou também em compreender como o discurso, na ótica foucaultiana, funciona no campo midiático, visto que a pesquisa analisa discursos midiáticos radiofônicos. Afinal, a mídia desempenha um papel central na construção dos ídolos do futebol brasileiro.

A Análise do Discurso propõe que a própria construção teórica se dá mediante ao incômodo do pesquisador, frente ao seu objeto analítico. Para a realização desse empreendimento analítico, Orlandi (2013) explica que são necessários dois movimentos fundamentais: descrever e interpretar o objeto.

Como gesto de análise, levantou-se cinco regularidades discursivas que estão presentes na narração e que explicitam a construção discursiva de ídolos do futebol brasileiro. A partir das materialidades discursivas na narração, o gesto de interpretação buscou compreender quais sentidos são produzidos e colocados em circulação.

A análise das cinco regularidades discursivas presentes na narração da Final da Copa do Mundo de 1970 apontam para o funcionamento discursivo na construção dos ídolos do futebol no enunciado em questão: nomeação valorativa dos jogadores; narrativa das jogadas de destaque; avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói; comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica a de torcedor; e a sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio.

Observou-se que os narradores e comentaristas constroem a todo momento os ídolos do futebol brasileiro em suas enunciações. Isso se deu por inúmeras estratégias discursivas, que constituem o próprio funcionamento da narração esportiva e que, não obstante, é o

resultado de uma ligação com vários outros discursos já existentes, retomando novamente a questão da memória discursiva debatida por Gregolin (2007).

Com isso, a criação do ídolo no futebol brasileiro se dá primeiramente no entendimento do porquê certos discursos são verbalizados em uma situação e em outros momentos não são verbalizados. Trazendo para o objeto em questão, compreender como os narradores e comentaristas anunciam as jogadas, dribles e gols dos jogadores da Seleção Brasileira e como isso não acontece com a Seleção Italiana é de suma importância na elaboração de uma resposta para a questão norteadora.

Dessa forma, o ídolo é criado no exato momento em que o discurso é produzido e colocado em circulação para os ouvintes brasileiros apaixonados por esse esporte, produzindo sentidos sobre e para os atletas naquele determinado momento histórico. A Seleção Brasileira, após o fracasso na edição passada, vinha em busca do seu tricampeonato. A expectativa da retomada de um futebol que enchesse de orgulho o brasileiro só seria possível através de um discurso que pudesse elevar o status dos jogadores, transformando-os em reais ídolos brasileiros. A escolha por esses ídolos se deu justamente por aqueles que melhor representavam a camisa verde e amarela, envolvendo os autores dos gols e também outros jogadores que estavam nas conquistas de 1958 ou 1962.

Logo, destaca-se as condições de possibilidade para o aparecimento deste discurso e não outro em seu lugar no momento social e político do Brasil em 1970. Tratava-se de um país com um senso de nacionalismo exacerbado e com traços ufanistas. Assim, a criação de ídolos não se deu de uma forma casual. Há uma ordem do discurso que o faz aparecer em dado momento da história, e que, neste caso em tela, se dá por meio do maior meio de comunicação da época, em um evento esportivo de escala mundial que liga de modo íntimo o rádio, o futebol e seus ouvintes/torcedores.

REFERÊNCIAS

- ABREU, João Batista de. **Metáforas, hipérboles e metonímias, uma jogada de efeito – o discurso do radiojornalismo esportivo**. Trabalho apresentado para a disciplina Comunicação e Significação, do Prof. Milton José Pinto, do programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1. sem. 2001.
- AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.
- ALMEIDA, Alda. **Rádio e Futebol: gritos de gol de Norte a Sul**. Anais do II Encontro Nacional de História da Mídia – Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, 2004.
- ANDRADE, Edna. **Osmar Santos: o Pai da Matéria. E que gol!** 2002. Monografia (Dissertação de Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Sobre ondas e gols: produção acadêmica sobre futebol no rádio**. 2010. 59f. Monografia (Especialização em Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Belo Horizonte.
- CAMPBELL, J. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo, Cultrix, 1995.
- CAMPBELL, J. **O Poder do Mito**, São Paulo, Palas Athena, 1990.
- DEL BIANCO, Nélia. **Tendências da Programação Radiofônica nos Anos 90 sob o Impacto das Inovações Tecnológicas**. In: _____; MOREIRA, Sônia Virgínia (Orgs.). **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília: UnB, 1999. p. 185-204.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FERNANDES, Cleudemar. Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio – Teoria e prática**. SP: Summus, 2014.
- FISCHER, Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.º 20. Campinas: Editores Associados/ANPEd, maio/jun./jul./ago., 2002, p. 83-94.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 2 ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, M. **Aulas sobre a vontade de saber: curso no Collège de France (1970-1971)**/Michel Foucault; seguido de O saber de Édipo. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade e política**. Michel Foucault: organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. **O Sujeito e o Poder**. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. Michel Foucault: uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.229-249.

FOUCAULT, M. **Sobre a História da sexualidade**. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 27.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREGOLIN, M. Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. Comunicação, Mídia e Consumo (CMC) - **Revista de Comunicação**, São Paulo, v. 4, n. 11, 2007.

GREGOLIN, M. **O enunciado e o arquivo: Foucault (entre) vistas**. M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 23-44.

GREGOLIN, M. Discourse analysis: concepts and aims. **Alfa** (São Paulo), v.39, p.13-21, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Formação discursiva, redes de memória e trajetões sociais de sentido: mídia e produção de identidades**. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro e João, 2007b, p. 155-168.

GUERRA, M. **Copa de 70: craques em campo e na transmissão radiofônica: inovações nas regras da competição, novidades na cobertura esportiva**. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 35, Ceará. 2004.

GUERRA, M. **Rádio x TV: O JOGO DA NARRAÇÃO**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Rio de Janeiro, 2006.

GUERRA, M. **Você, ouvinte, é a nossa meta**. A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol. Juiz de Fora: Ed. Etc. 2000.

GUERRA, M. **Você, ouvinte, é a nossa meta: Análise da narrativa radiofônica e sua influência no imaginário do torcedor**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO; Juiz de Fora: Etc. Editora Ltda., 2000.

HELAL, R. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, jul./dez. 2003.

MACHETE. **O caneco é nosso**: edição sonora. Rio de Janeiro, s/n, p. 6-7, jul. 1970. p. 7.

MARCZAL, E. Sobre a unidade em torno de um caneco: futebol, política e imprensa na vitória “brasileira” na Copa do Mundo de 1970. Recorde: **Revista de História do Esporte**, Curitiba, vol. 6, n. 2, julho-dezembro, 2013, p. 1-27.

MARQUES, J. C. **O mito construído, desconstruído e restituído**: o caso cíclico de Ronaldo Fenômeno. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: INTERCOM, 2005. p.1-16.

NAVARRO, P. A subjetivação do “novo idoso” em textos da mídia. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 10. n. 2, p. 143-159, dez. 2012.

NAVARRO, P. **Discurso, história e memória**: contribuições de Michel Foucault ao estudo da Mídia. In: TASSO, Ismara. Estudos do Texto e do discurso: interfaces entre língua(gens), identidade e memória. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, p. 59-74.

NOGUEIRA, Armando. **Revista Lance A+**, Rio de Janeiro, ano 5, nº 252, p.10, 2-8 jul, 2005.

PÊCHEUX, M. **A Análise de Discurso**: três épocas (1983). In: GADET, F.; HACK, T. (org.). Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

OLIVEIRA, Pâmella Rochelle Rochanne Dias de; OLIVEIRA, Geilson Fernandes de; NOGUEIRA, Maria Adriana. Análise do Discurso, Foucault e Mídia: entrevista com Maria do Rosário Gregolin. In: **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 7, n. 1, p. 201 - 207, jan./abril. 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso – princípios e procedimentos**. 11. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

PICH, S. A mítica neoliberal, o sistema esportivo, a mídia e o herói esportivo: a construção de uma estória de relatos de verdade mascarada de verdade revelada. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 199-227, jan./jun. 2003.

PÊCHEUX, M. **Papel da Memória**. In: ACHARD, P. Papel da Memória. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PEZ, Tiaraju Dal Pozzo. **Pequena Análise sobre o sujeito em Foucault**: a construção de uma ética possível. In Seminário em Ciências Humanas. 7. ed. Londrina: VII Seminário em Ciências Humanas. Londrina. EdueL, 2008. p. 1-14.

PRIEST, Susanna Hornig. **Pesquisa de mídia: introdução**. Tradução de Karla Costa Reis. 2 ed. Porto Alegre: Penso, 2011. 287 p.

- RAGO, M. **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 255-272.
- REIS, Heloisa H. B. “**Lazer e Esporte: a espetacularização do futebol**”. In: BRUHNS, Heloísa T. (Org.). *Temas sobre o lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000, p.133.
- RODRIGUES, N. A explosão do caos. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 740, p. 26-29, jul. 1966. p. 27.
- RODRIGUES, N. **A pátria em chuteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROLLEMBERG, D. **Exílio: entre raízes e radares**. Rio de Janeiro: Record. 1999.
- RÚBIO, K. Do imaginário esportivo ao mito olímpico contemporâneo. In: MORAGAS, M.; DA COSTA, L. P. (Org.). *Universidad y estudios olímpicos*. **Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona**, 2007. v. 1. p. 660-676.
- RÚBIO, K. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- RÚBIO, K. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 86-91, jan./abr. 2006.
- RUBIO, K. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, v. VI, n. 119 (95), ago. 2002.
- SARGENTINI, Vanice. **A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo**. In: SARGENTINI, V; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividades*. São Carlos: Claraluz, 2004, p 77-96.
- SARGENTINI, Vanice. **Ver e ler imagens: a produção midiática dos acontecimentos**. In: FERNANDES, Cleudemar *et al.* *Análise do Discurso & Semiologia*. Uberlândia: EDUFU, 2015, p. 149-162.
- SILVEIRA, Rafael Alcadipani. **Michel Foucault: poder e análise das organizações**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- SOARES, Edileuza. **A bola no ar, o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.
- SOUSA, Kátia Menezes de. **Das condições de possibilidade dos discursos em Michel Foucault: uma breve análise do presente**. In: FERNANDES JÚNIOR, Antônio; STAFUZZA, Grenissa Bonvino (Orgs.). *Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017, p. 101-129.

SOUSA, Kátia Menezes de. **Inovar em AD com Foucault:** tecnologia dos enunciados no funcionamento dos dispositivos de poder. IN: SOUSA, Kátia Menezes de; PAIXÃO, Humberto Pires de. (Org). Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade. São Paulo: Intermeios; Goiânia: UFG, 2015. p.155-171.